

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Anne Santos Stone

**A NOÇÃO DE TEMPO E A TEMPORALIDADE DO *APRÈS-COUP* NA TEORIA DA
SEDUÇÃO GENERALIZADA**

Belo Horizonte

2023

Anne Santos Stone

**A NOÇÃO DE TEMPO E A TEMPORALIDADE DO *APRÈS-COUP* NA TEORIA DA
SEDUÇÃO GENERALIZADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestra.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Roberto Rodrigues Belo.

Belo Horizonte

2023

150 Stone, Anne Santos.
S877n A noção de tempo e a temporalidade do après-coup na
2023 teoria da sedução generalizada [manuscrito] / Anne Santos
Stone. - 2023.
57 f.
Orientador: Fábio Roberto Rodrigues Belo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Teses. 2. Tempo - Teses. 3. Sedução -
Teses. 4. Psicanálise. I. Belo, Fábio Roberto Rodrigues.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE ANNE SANTOS STONE

Realizou-se, no dia 13 de dezembro de 2023, às 08:00 horas, Online (Zoom), da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *A NOÇÃO DE TEMPO E A TEMPORALIDADE DO APRÈS-COUP NA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA*, apresentada por ANNE SANTOS STONE, número de registro 2021704623, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Fábio Roberto Rodrigues Belo - Orientador (UFMG), Prof(a). Camila Peixoto Farias (UFPEL), Prof(a). Maria Teresa de Melo Carvalho (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, a presente ata, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Roberto Rodrigues Belo, Professor do Magistério Superior**, em 15/12/2023, às 13:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Peixoto Farias, Usuária Externa**, em 15/12/2023, às 16:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Teresa de Melo Carvalho, Usuária Externa**, em 18/12/2023, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2906570** e o código CRC **74C54720**.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ceni Jaekel e Fabian Stone, pelo amor que me trouxe até aqui.

À minha irmã, Luíza Stone, pelos sonhos compartilhados.

À minha avó, Roseane Guevara, pelo apoio incansável e seguro.

A Wallace Ferreira, pelo companheirismo ao longo dos dias.

A Ariane Silva e sua família, pela recepção afetuosa.

Ao orientador desta dissertação, Prof. Dr. Fabio Roberto Rodrigues Belo, pela confiança em meu processo.

À Prof.^a Dr.^a Maria Teresa de Melo Carvalho, pelas sábias contribuições a esta dissertação.

À Prof.^a Dr.^a Camila Peixoto Farias, por todo conhecimento transmitido — e por um dia ter visto uma pesquisadora em mim.

*Tendremos suerte si aprendemos
Que no hay ningún rincón
Que no hay ningún atracadero
Que pueda disolver
En su escondite lo que fuimos
El tiempo está después*

— Fernando Cabrera

RESUMO

Busca-se, neste trabalho, apresentar as principais elaborações de Laplanche sobre as operações psíquicas que viabilizam o ingresso do sujeito em uma temporalidade. Para tanto, discute-se a noção de tempo, partindo de algumas proposições freudianas, a fim de situá-la, em um segundo momento, dentro da proposta psicanalítica da Teoria da Sedução Generalizada. Indica-se, com Laplanche, que a experiência temporal humana está necessariamente imbricada com o outro da situação originária. Este trabalho está dividido em dois artigos: o primeiro deles busca evidenciar como Laplanche coloca a trabalho a noção de tempo em Freud, tendo como base os textos *Le temps et l'autre* [*O tempo e o outro*] (1991) e *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps* [*Temporalidade e tradução: por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo*] (1989). O segundo artigo se concentra no caráter temporal do fenômeno do *après-coup*, discorrendo sobre seu enquadre da teoria freudiana da sedução restrita à teoria da sedução generalizada.

Palavras-chave: Tempo. Temporalidade. Teoria da sedução generalizada. *Après-coup*. Psicanálise.

ABSTRACT

This work seeks to present Laplanche's main elaborations on the psychic operations that enable the subject's entry into a temporality. To this end, the notion of time is discussed, based on some Freudian propositions, aiming to situate it, in a second moment, within the psychoanalytic proposal of the general theory of seduction. It is indicated, with Laplanche, that human temporal experience is necessarily intertwined with the other of the original situation. This work is divided into two articles: the first seeks to highlight how Laplanche puts to work the notion of time in Freud, based on the texts *Le temps et l'autre* [*Time and the other*] (1991) and *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps* [*Temporality and translation: for a return to the question of the philosophy of time*] (1989). The second article focuses on the temporal aspect of the *après-coup* phenomenon, discussing its framing from the Freudian restricted theory of seduction to the general theory of seduction.

Keywords: Time. Temporality. General theory of seduction. *Après-coup*. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 ARTIGO: A ABORDAGEM PSICANALÍTICA DO TEMPO EM LAPLANCHE.....	10
2 ARTIGO: A DIMENSÃO TEMPORAL DO APRÈS-COUP NO CONTEXTO DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA.....	31
CONCLUSÃO.....	51
BIBLIOGRAFIA	52

INTRODUÇÃO

A problemática temporal está presente em diversas áreas do conhecimento. Em psicanálise, ela surge também como uma questão para pensar nas operações psíquicas e nos modos a partir dos quais os sujeitos experienciam a temporalidade. Ainda que a noção de tempo não tenha sido discutida de forma detida e pormenorizada por Freud, ela não deixa de estar presente ao longo de sua obra, tanto para explicar o funcionamento atemporal do inconsciente, como em *Nota sobre o “bloco mágico”* (1925), quanto para tratar do aspecto temporal presente na noção de *après-coup*, apresentada por ele em textos como o *Projeto para uma psicologia científica* (1895).

Laplanche dedicou parte de sua obra para resgatar as discussões que Freud realizou acerca da temporalidade e colocá-las a trabalho dentro de sua teoria da sedução generalizada. Se, em Freud, a questão da temporalidade aparece de forma fragmentada, em Laplanche, ao contrário, a noção temporal aparece de forma explícita e conjugada com suas teorizações. São voltados à dimensão do tempo três textos reunidos no livro *La révolution copernicienne inachevée*, de 1992, e uma das problemáticas — *Problématiques VI* (2006) em que discute o *après-coup* —, além de discussões que se fazem presentes em trabalhos como *Vida e morte em psicanálise* (1970) e *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987). Esses são também os principais escritos de Laplanche em que nos baseamos para a elaboração desta dissertação.

No presente trabalho, empenhamo-nos em apresentar alguns dos aspectos tratados por Laplanche dentro do formato de dois artigos distintos, mas que se correlacionam. Isso porque ambos estão calcados na teoria da sedução generalizada e apontam para o outro da situação originária como fator fundamental para o ingresso temporal. No primeiro artigo, buscamos apresentar as discussões laplanchenas acerca do que se trata a *temporalidade propriamente humana* e as operações psíquicas que permitem que um sujeito experiencie o tempo e seu movimento. Demonstramos que se trata de uma experiência que está para além de um tempo cronológico, ainda que possa estar, de alguma forma, relacionado a ele. Além disso, defendemos, com Laplanche, que o movimento do tempo humano está intimamente relacionado aos processos tradutivos, destradutivos e retradutivos.

No segundo artigo, discutimos a noção psicanalítica de *après-coup*, descrita inicialmente por Freud, que serviu como material de teorização para Laplanche, especialmente em sua sexta problemática. Buscamos demonstrar como o fenômeno do *après-coup*, bem como seu modelo de dois tempos, influencia diretamente a experiência temporal. Propomos, ao final do artigo, a diferenciação de dois modos de manifestação do *après-coup*: hermenêutico e

contra-hermenêutico. Para ambos, sustentamos a ideia de que há um golpe originário, constitutivo, que representa uma permanente exigência de trabalho. A diferença, para nós, está na experiência temporal que a tentativa de elaboração do golpe promove: mais próximo de um movimento ou de uma paralisia no tempo.

1 ARTIGO: A ABORDAGEM PSICANALÍTICA DO TEMPO EM LAPLANCHE

Resumo

No presente artigo, buscamos apresentar e discutir o trabalho de Jean Laplanche sobre a noção de temporalidade propriamente humana. Para isso, temos como foco seus textos dedicados a essa questão, *Le temps et l'autre [O tempo e o outro]* (1991) e *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps [Temporalidade e tradução: por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo]* (1989), ambos publicados no livro *La révolution copernicienne inachevée*, de 1992. O movimento teórico de Laplanche vai, primeiro, no sentido de revisitar a teoria de Freud sobre a temporalidade. A partir desse retorno, Laplanche apresenta suas próprias elaborações para pensar em uma temporalidade própria do ser humano. Com isso, indicamos que a inserção do sujeito em uma temporalidade só é possível por meio da intervenção do outro da situação originária, responsável por instaurar o início dos processos tradutivos. Isso permite o movimento do sujeito no tempo, através da dinâmica dos processos de tradução, destradição e retradição.

Palavras-chave: Temporalidade. Tempo. Tradução. Laplanche. Psicanálise.

Abstract

In this article, we aim to present and discuss Jean Laplanche's work on the concept of truly human temporality. To achieve this, we focus on his texts dedicated to this topic, namely *Le temps et l'autre [Time and the other]* (1991) and *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps [Temporality and translation: for a return to the question of the philosophy of time]* (1989), both published in the book *La révolution copernicienne inachevée*, from 1992. Laplanche's theoretical approach involves a revisitation of Freud's theory of the temporality. From this return point, Laplanche presents his elaborations and cautions for reflecting on the temporality of human beings. Thus, we suggest that the insertion of the subject into temporality is only possible by the intervention of the other of the original situation, responsible for establishing the starting point of the translation processes. According to Laplanche, what enables the subject's movement through time is primarily the dynamics of the translation, detranslation, and retranslation processes.

Keywords: Temporality. Time. Translation. Laplanche. Psychoanalysis.

Resumen

En este artículo, nuestro objetivo es presentar y discutir el trabajo de Jean Laplanche sobre el concepto de temporalidad verdaderamente humana. Para lograrlo, nos enfocamos en sus textos dedicados a este tema, a saber, *Le temps et l'autre* [El tiempo y el otro] (1991) y *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps* [Temporalidad y traducción: para un retrabajo de la filosofía del tiempo], ambos publicados en el libro *La révolution copernicienne inachevée*, de 1992. El enfoque teórico de Laplanche implica una revisión de la teoría del tiempo de Freud. A partir de este regreso, Laplanche presenta sus elaboraciones y precauciones para reflexionar sobre la temporalidad de los seres humanos. Por lo tanto, sugerimos que la inserción del sujeto en la temporalidad solo es posible mediante la intervención del otro de la situación original, responsable de establecer el punto de partida de los procesos de traducción. Según Laplanche, lo que permite el movimiento del sujeto en el tiempo es principalmente la dinámica de los procesos de traducción, detracción y re-traducción.

Palabras clave: Temporalidad. Tiempo. Traducción. Laplanche. Psicoanálisis.

Considerações Iniciais

As perguntas que guiam a escrita deste artigo são as seguintes: como se dá a leitura do tempo de Jean Laplanche diante das teorias de Freud sobre o assunto? Como ele, a partir das reflexões freudianas, apresenta suas próprias hipóteses sobre o que é o tempo para a psicanálise? O recorte metodológico que realizamos divide essa tarefa em duas grandes partes.

A primeira parte, presente neste artigo, busca mostrar como Laplanche faz trabalhar a noção de tempo em Freud a partir da teoria da sedução generalizada (TSG), tendo como base os textos *Le temps et l'autre* [O tempo e o outro] (1991) e *Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps* [Temporalidade e tradução: por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo] (1989), ambos publicados no livro *La révolution copernicienne inachevée*, de 1992. Já a segunda, desenvolvida em outro artigo, busca tratar, mais especificamente, da discussão teórica do *a posteriori* na teoria laplancheana, material este contido em *Problématiques VI : l'après-coup* [Problemáticas VI: o a posteriori]. Salientamos que essa divisão em dois artigos distintos possui apenas um caráter didático. Ao que tudo indica, as reflexões sobre o tempo, elaboradas por Laplanche, foram trabalhadas por ele paralelamente.

Sabemos que são abundantes, dentro da psicanálise, os trabalhos dedicados à temporalidade, embora não pretendamos nos ater a eles. Entretanto, como dito, nosso recorte metodológico visa a apresentar reflexões sobre o tempo humano a partir da teoria da sedução

generalizada. Começemos por pinçar alguns pontos principais para pensar no tempo proposto por Freud a fim de apresentar, em seguida, os comentários de Laplanche sobre o tempo freudiano — movimento de retorno necessário, como veremos, para que Laplanche lance suas próprias hipóteses fundamentais.

1. Freud, o Tempo e a Atemporalidade

Consideramos que a obra de Freud é perpassada pela noção de tempo em diversos aspectos. Mas, ainda assim, a ideia de uma temporalidade não recebeu dele elaborações teóricas pormenorizadas e sistematizadas, se compararmos ao trabalho dedicado a outros termos. É na defesa de uma *atemporalidade* do inconsciente que Freud desenvolve boa parte de sua teoria — e, como veremos, sua noção de tempo surge exatamente como suporte para justificar o funcionamento atemporal do inconsciente.

Desde os textos mais iniciais, como o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), e até mesmo em textos posteriores, como *O início do tratamento* (1913), a ideia de uma atemporalidade inconsciente se faz presente. Nesses escritos, Freud (1950[1895]/1995; 1913/2010) defende que o sistema inconsciente não funciona a partir de um tempo cronológico, pelo contrário: os processos inconscientes se organizam, segundo ele, de forma independente de uma cronologia, independente de uma concepção precisa e organizada que situa os acontecimentos do passado, do presente e do futuro.

Sobre essa independência de uma organização temporal linear do inconsciente, acreditamos ser válido mencionar *O mal-estar na civilização* (1930) a fim de complexificar um pouco mais nossa discussão inicial. Freud (1930[1929]/2010) descreve, nesse texto, a cidade de Roma — suas sucessivas construções ao longo do tempo, seus vestígios, seu passado desvelado por escavações — como metáfora para o funcionamento do psiquismo. O psiquismo possui essa capacidade de conservação do passado: os resquícios psíquicos, suas marcas e inscrições, continuam a produzir efeitos posteriores sobre a vida psíquica dos sujeitos. Mesmo que, assim como as construções de Roma, o psiquismo possa vir a ser afetado por “interferências destruidoras” (p. 23), a manutenção de tais resquícios do passado é “antes a regra do que a surpreendente exceção” (p. 24).

Já em *Além do princípio do prazer* (1920), Freud compara o tempo inconsciente ao tempo dos processos conscientes: segundo ele, a atemporalidade só faria sentido se fosse comparada a um tempo perceptivo-consciente (Pcp-Cs) (Freud, 1920/2010). Isso se torna relevante se considerarmos que a concepção de uma atemporalidade inconsciente sustenta, de

forma importante, as elaborações teóricas propostas por Freud. Podemos observar essa importância, por exemplo, quando ele sugere que, na experiência terapêutica com o analisando, o analista se comporte “tão ‘atemporalmente’ quanto o inconsciente mesmo, se quiser aprender e alcançar algo” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 18).

Tal forma de compreender o funcionamento inconsciente determina, de maneira considerável, não só a compreensão sobre os processos inconscientes e suas operações, mas também a dinâmica da própria situação analítica, sendo o inconsciente e a sexualidade seu material de trabalho por excelência — sua especificidade, conforme indica Laplanche (1991/1992). Diante de tais aspectos iniciais do tempo dentro da proposta freudiana, partiremos para as principais considerações apresentadas por Laplanche.

2. Comentários de Laplanche a partir da Noção de Tempo em Freud

Laplanche (1991/1992) destaca que há em Freud uma espécie de divisão no trabalho sobre a temporalidade humana. Segundo ele, existem duas teorias freudianas sobre o tempo: a primeira, a qual chama de teoria *implícita* do tempo, quando Freud trata de um tempo a nível histórico, o que, segundo Laplanche, está ilustrado em *Totem e tabu* (1912–1913); e a segunda, uma teoria *explícita* do tempo, cujo delineamento é feito para defender a atemporalidade do inconsciente, conforme introduzimos neste artigo.

É no texto *Nota sobre o “bloco mágico”* (1925) que está presente, de acordo com Laplanche (1991/1992), a maior parte da explicitação teórica freudiana do tempo. Freud (1925/2011) pensa no funcionamento do aparelho Pcp-Cs como análogo a um bloco mágico. Resumidamente, o bloco mágico se trata de um dispositivo que serve para fazer anotações que podem ser facilmente apagadas mediante a renovação de sua superfície, o que possibilita que sejam feitas novas anotações. Entretanto, ao se iluminar adequadamente a superfície do bloco mágico, é possível verificar que os traços anteriormente feitos ainda se mantêm marcados nela, bem menos perceptíveis, demandando uma análise mais minuciosa para serem vistos, embora estejam ali. O bloco mágico, portanto, serve de analogia ao funcionamento do tempo — um tempo perceptivo, diz Freud — característico do sistema Pcp-Cs.

O sistema Pcp-Cs é responsável por acolher as percepções externas: ele recebe os estímulos da externalidade, mas, por si só, não é capaz de conservar tais percepções de forma duradoura. Os traços considerados duradouros (como as lembranças mais antigas, a memória etc.) são, em teoria, recolhidos pelo sistema inconsciente (Ics), que está situado por detrás, como uma adjacência do sistema Pcp-Cs. Ou seja, esses sistemas são, para Freud (1925/2011),

“*separados, mas inter-relacionados*” (p. 272); o sistema Pcp-Cs é *permeado* pelo sistema Ics. Para Freud, o Ics possui inervações de investimento que se estendem e recolhem as percepções externas do sistema Pcp-Cs “em breves empuxos periódicos” (p. 273). Nesse seguimento,

É como se o inconsciente, através do sistema Pcp-Cs, estendesse para o mundo exterior antenas que fossem rapidamente recolhidas, após lhe haverem experimentado as excitações. Assim, as interrupções que no Bloco Mágico acontecem a partir de fora se dariam pela descontinuidade da corrente de inervação, e no lugar de uma verdadeira suspensão do contato haveria, em minha hipótese, a periódica não excitabilidade do sistema perceptivo. *Também conjecturei que esse funcionamento descontínuo do sistema Pcp-Cs estaria na origem da ideia de tempo.* (Freud, 1925/2011, p. 274, ênfase acrescentada)

É justamente sobre o aspecto rítmico e descontínuo do aparelho perceptivo (Pcp-Cs) em Freud, de abertura e fechamento periódicos, que Laplanche (1991/1992) tece suas primeiras reflexões no artigo *Le temps et l'autre*. Esboçamos alguns desses comentários a seguir.

O primeiro comentário desenvolvido por Laplanche (1991/1992) parte da seguinte ideia: ligar *a percepção do tempo a um funcionamento periódico e rítmico do tempo* seria deduzir *a consciência do tempo* a partir da consciência do funcionamento de um aparelho *sobre* o tempo. Se o tempo linear é derivado de outro tempo, um tempo rítmico, que mescla interrupção e ligação com a exterioridade para se tornar o tempo perceptivo descrito por Freud (1925/2011), essa dedução funcionaria, segundo Laplanche (1991/1992), como uma espécie de duplicidade: não se trata só de uma noção de tempo perceptivo, mas do *tempo do tempo*, isto é, o ritmo.

Para termos consciência do tempo, é preciso que haja esta dobra rítmica: interrupção e conexão, claro e escuro. Laplanche (1991/1992), portanto, está de acordo com Freud (1925/2011) aqui: é o funcionamento descontínuo do sistema Pcp-Cs, esse apagar/acender do sistema perceptivo, que torna possível perceber o tempo, nunca plenamente linear, mas sempre rítmico. O tempo linear, conclui-se logicamente, é uma construção posterior, derivada da conexão entre os pedaços descontínuos de tempo.

A novidade trazida por Laplanche (1991/1992) é que a imagem freudiana das antenas ou tentáculos do sistema Pcp-Cs revela o perigo de conceber o mundo constituído a partir de um sujeito narcísico. A percepção do mundo está ligada à extinção periódica da excitação, ao fechamento rítmico oposto à ação do que é externo. O ser vivo precisa cortar esse excesso de mundo, de percepção, para que possa se constituir.

Nesse ponto de sua argumentação, fica a impressão de um aspecto fundamental a se desenvolver: a íntima relação entre o sexual e o tempo. É possível levantar uma hipótese: o excesso de percepção não diz respeito ao “mundo”, mas, sim, ao sexual, ao excesso de excitação proveniente do outro. É desse excesso que precisamos nos defender [*retranchement*], por assim

dizer, na trincheira do não-percebido, cujo modelo paradigmático é o sono. Com isso, concluímos que o outro adulto é quem dita o ritmo no início do processo de constituição do sujeito, nos modos a partir dos quais ele intervém.

O segundo comentário que elegemos de Laplanche a respeito dessa noção de tempo na teoria freudiana, é o de que o modelo de tempo perceptivo proposto por Freud (1925/2011) não dá conta de explicar a complexidade do tempo humano, do humano que teoriza sobre o mundo e sobre si mesmo, que autoteoriza e historiciza a si mesmo (Laplanche, 1987/1992). O tempo freudiano proposto a partir do aparelho perceptivo é, segundo Laplanche (1991/1992), profundamente rudimentar e possui aplicabilidade para pensar na noção de tempo em outros seres e organismos muito menos complexos que o ser humano — um tempo que não se aplica, portanto, a seres nos quais opera a complexa dinâmica do psiquismo e da intervenção precoce e radical do outro. Essa espécie de “deslize” mecanicista e biologicista é indicada por Laplanche em diversos momentos da obra freudiana. Não à toa, segundo Laplanche (1991/1992), a comparação feita por Freud para pensar no aparelho perceptivo gira em torno de pseudópodes e antenas, gira em torno de uma percepção de tempo pouco complexa.

O terceiro comentário que desejamos apresentar — e, talvez, o primordial, se considerarmos as demais elaborações laplancheanas — questiona a centralidade que é colocada sobre o próprio sujeito para explicar não só a constituição e o funcionamento do inconsciente na obra freudiana, mas também a própria noção de tempo: ambos estariam centrados em um sujeito que se constitui a partir de um inconsciente *inato, biológico e instintual* (Laplanche, 1991/1992). Esse movimento de *extravio* daquilo que Laplanche (1992/2016) considera fundamental e indissociável — o inconsciente e a sedução — acaba por tirar de cena a centralidade do outro, a importância do primado do outro sobre a fundação do inconsciente. Há um retorno, em Freud (1925/2011), a uma teoria autocentrada, autoengendrada no próprio sujeito; uma negação, para Laplanche, da estrangeiridade do inconsciente.

A crítica de Laplanche (1991/1992) à concepção de tempo em Freud se dirige, portanto, à imagem de um inconsciente que é “meu próprio fundamento”. Em vez disso, o inconsciente é, primordialmente, um “estrangeiro em mim”. Freud (1925/2011), para Laplanche (1991/1992), parece simplificar excessivamente a noção de tempo, ao colocar o *eu* numa ideia monádica, como centro da experiência do tempo, e situando a exterioridade como algo que se passa além dessa “primeira centralidade”: um inconsciente fechado sobre si mesmo; um inconsciente que, *a priori*, compõe o próprio mundo interior e, vez ou outra, reencontra o mundo exterior.

Laplanche (2006/2015) mostra a necessidade de descentralizar o inconsciente: este, não mais ligado a uma ideia inata e centralizada de constituição, mas, sim, ligado à intervenção, precoce e radical, do inconsciente sexual do outro. Logo, a experiência do tempo, em Laplanche (1991/1992), está necessariamente calcada na figura do outro, como discutiremos mais adiante. A esse aspecto originário da constituição psíquica, Laplanche (2006/2015) denomina Situação Antropológica Fundamental: o confronto precoce da criança com um mundo adulto, que é contaminado por mensagens inconscientes (verbais e não verbais) e que, por isso mesmo, são enigmáticas. É a partir do confronto da situação originária de sedução por parte do adulto, e do processo de recalçamento originário que a ele se segue, que ocorre a fundação do inconsciente da criança (Laplanche, 1987/1992). Segundo nos indica Laplanche (1987/1992), o sujeito não é causa de si mesmo: o sujeito é *impulsado*.

O originário é algo que transcende o tempo, mas que, ao mesmo tempo, fica ligado ao tempo. Desenvolverei a ideia de uma situação originária que, a meu ver, deve explicar uma intervenção, um surgimento, tanto do inconsciente quanto o da pulsão, ou, então, o do aparelho anímico. (Laplanche, 1987/1992, p. 63)

O contato com a externalidade, então, ocorre entrelaçado à presença do outro da situação originária, que propõe esse movimento periódico, essa presença e ausência, esse apagar e acender da percepção do tempo. Sugerimos que a percepção de uma *continuidade* da existência, a capacidade de historicizar a si mesmo em uma narrativa mais ou menos linear, é um movimento posterior; como indicamos, é uma integração dos fragmentos periódicos do aparelho perceptivo. O que há de estrangeiro, o corpo estranho interno do outro (Laplanche, 2006/2015), impregna o psiquismo. Vamos desenvolver os possíveis desdobramentos disso para o que Laplanche propõe como uma temporalização propriamente humana. Por ora, deixemos este primeiro indicativo: o tempo, suas primeiras percepções periódicas, e a posterior organização dessa periodicidade em uma espécie de linearidade consistem em um trabalho que possui uma *base libidinal*. Ou seja, o tempo humano é, antes de tudo, um tempo libidinizado pelo outro.

Diante da problemática do tempo, e, talvez, em uma tentativa de indicar o lugar da psicanálise dentro dessa discussão, Laplanche (1991/1992) propõe uma divisão do tempo em quatro níveis que se diferenciam, mas que não deixam de estar correlacionados. Ou seja, um nível não anula o outro. Para ajudar a ilustrar a diferenciação de cada nível, ele situa alguns autores que dedicaram atenção à problemática do tempo. Entretanto, um autor pode compor mais de um nível, considerando que suas obras podem ter sido marcadas por diferentes fases, avanços e desvios.

3. Os Quatro Níveis do Tempo para Laplanche

Laplanche (1991/1992) considera que a questão do tempo dentro da filosofia foi marcada por avanços trazidos por diversos nomes, como Kant, Hegel, Bergson e Heidegger. Tais pensadores fizeram propostas muito singulares para pensar na problemática do tempo: alguns mais ligados à noção de tempo passível de ser calculado, metrificado; outros, mais ligados a um tempo que justamente independe de uma métrica e que sofre radicalmente com a interferência do que há de subjetivo na experiência do tempo.

Diante disso, Laplanche (1991/1992) propõe quatro níveis para o tempo. Vale ressaltar que tal divisão não possui, para Laplanche (1989/1989/1992a), a intenção de apresentar uma história do pensamento filosófico sobre o tempo. A divisão em quatro níveis serve, antes de tudo, para referenciar as diferentes passagens e os diferentes momentos do pensamento científico-filosófico dedicados à experiência temporal. Acreditamos que tal proposta de Laplanche (1991/1992) ajude a situar o lugar da psicanálise dentro dessa discussão. Dessa forma, dedicamo-nos a trabalhar, ainda que de forma sintética, sobre os elementos de diferenciação de níveis fornecidos por Laplanche (1991/1992), a fim de apresentá-los neste artigo.

Nível I: O tempo cosmológico

Neste nível, Laplanche (1991/1992) faz uma breve referência ao tempo do mundo físico do qual fazemos parte. Em seu sentido físico, o tempo cosmológico diz respeito ao tempo do universo, um tempo absoluto. Até determinado momento, essa noção de tempo era atrelada, necessariamente, a uma lógica racional; pouco a pouco, a filosofia começou a introduzir a ideia de que há uma dimensão *subjetiva* do tempo. Laplanche (1989/1991/1992) considera que há em Kant a renovação dessa visão racional sobre o tempo: ele passa a relacionar esse mesmo tempo cosmológico à experiência subjetiva humana.

Jacques Gagey, que participou do *Débat à propos de « Temporalité et traduction »* [*Debate acerca de “Temporalidade e tradução”*] (1989), também contido no livro *La révolution copernicienne inachevée*, faz alguns apontamentos que parecem ser úteis a essa reflexão sobre o tempo cosmológico. O sujeito, dentro de um tempo racional e não subjetivo, é colocado em um lugar apenas contemplativo em relação à passagem do tempo. Esse lugar contemplativo, segundo Gagey, acaba por colocar o sujeito como um mero participante da eternidade do tempo cosmológico. Pouco a pouco, o sujeito passa a “encarnar”, participar e criar o tempo. O tempo,

por exemplo, passa a estar a serviço do trabalho humano, tornando-se assim um tempo *temporalizável* (Laplanche, 1989/1989/1992a).

Nesse aspecto, considerar um tempo subjetivado — ou seja, um tempo para além de uma racionalidade — interessa à psicanálise e dialoga com ela. É de se esperar, então, a partir dos pressupostos básicos da teoria da sedução generalizada, que também o tempo se articule à sedução, à experiência concreta do bebê em relação ao adulto, conforme demonstramos ao longo deste artigo. Neste nível, Laplanche (1991/1992) situa os trabalhos de Aristóteles e Kant.

Nível II: O tempo perceptivo

É neste nível que Laplanche (1991/1992) situa o tempo perceptivo proposto por Freud. O tempo perceptivo, para o qual dedicamos uma discussão pormenorizada na seção anterior, é considerado por Laplanche como parte do que ele chama de uma *teoria explícita* do tempo em Freud. Como vimos, trata-se de uma teoria que foi trabalhada, em grande parte, no texto *Nota sobre o “bloco mágico”*, de 1925, a partir do qual Laplanche elabora suas principais críticas para propor uma nova compreensão sobre o tempo em psicanálise.

Conforme indicamos, um tempo perceptivo é aquele que diz respeito a uma percepção imediata, ou, no máximo, à percepção de um futuro próximo ao sujeito (Laplanche, 1991/1992). Como vimos, a partir da visão de Laplanche (1991/1992), o tempo proposto por Freud (1925/2011) desconsidera a intervenção do outro sobre a experiência temporal ao focar em um sujeito que é causa de si mesmo, que está fechado sobre si mesmo. Além disso, para Laplanche (1991/1992), essa noção de tempo se mostra insuficiente e limitante demais para enquadrar a complexidade do tempo de um ser humano — um ser que, desde os momentos iniciais, é impelido à tarefa de historicizar a si mesmo, de engendrar sua história, que está pautada na intervenção do outro, em uma temporalidade. Essa temporalidade, por sua vez, não está limitada a uma percepção imediatista do tempo.

Laplanche (1991/1992) comenta que não há razão para supor que o tempo perceptivo proposto por Freud (1925/2011) não seja o mesmo tempo dos demais seres vivos. Neste nível, Laplanche (1991/1992) situa, portanto, as contribuições de Freud e Kant, no entanto, sem entrar em detalhes sobre a teoria do filósofo.

Nível III: A temporalização do ser humano

Neste nível, para Laplanche (1991/1992), situa-se o tempo da memória: um tempo que ele denomina como sendo *próprio do humano* e que abre ao sujeito a possibilidade de se organizar temporalmente, de se organizar diante do tempo. Isso se deve ao fato de que o ser

humano possui a capacidade de temporalizar a si: recapitular o passado, atualizá-lo no presente e, através disso, projetar-se em um futuro. Mas estamos falando de um futuro que não necessariamente é o futuro imediato proposto no tempo perceptivo freudiano, que citamos no subtópico anterior. Podemos pensar que se trata de um futuro que envolve um inconsciente, que, como sabemos, está atrelado ao campo dos afetos, da memória, da fantasia, do desejo.

O inconsciente está, necessariamente, atravessado pelo enigma do outro. O enigma do outro da situação originária faz justamente com que o sujeito seja impulsionado, seja “instigado” a ingressar em uma temporalidade. Não por acaso, Laplanche (1991/1992) relaciona esse nível do tempo ao tempo da análise: o que há de fundamental na relação com o outro originário é atualizado na relação com o analista. Sobre isso, Laplanche (1987/1992, p. 172) diz que “a construção é uma verdadeira reconstrução pelo próprio sujeito de sua história”, aspecto que será tratado adiante.

A própria análise, então, só pode acontecer porque o sujeito é capaz de realizar uma autoteorização, uma teorização de si mesmo (Laplanche, 1987/1992), processo que envolve a necessidade de uma temporalização. Tal processo é, para Laplanche (1987/1992) potencialmente infinito para o sujeito: os modos de reorganizar os roteiros propostos pelo outro, de criar novas teorizações para o que há de enigmático no outro, são inúmeros. O enrijecimento de tais possibilidades pode ser trágico para o sujeito: “também existe morte do psiquismo por rigidificação e síntese excessiva”, conforme aponta-nos Laplanche (1987/1992).

É também neste nível que Laplanche localiza o tempo do luto. Como veremos mais adiante, o luto parece convocar radicalmente o sujeito a um trabalho de reorganização, de remanejamento dos investimentos que ligavam o sujeito ao objeto perdido; investimentos esses que, necessariamente, estão imbricados com as formas de temporalização de cada um. Laplanche (1991/1992) traz Heidegger, o existencialismo e a hermenêutica para pensar a temporalização do ser humano.

Nível IV: O tempo histórico

Para Laplanche (1991/1992), aqui se situa o tempo da história de vida, da história de caso. Parece-nos que, nesse ponto, a noção de um tempo histórico se mescla com a noção de uma temporalização humana. A diferenciação parece residir no fato de que, aqui, Laplanche (1991/1992) localiza também um tempo histórico no sentido de um tempo coletivo, das sociedades humanas. É neste nível do tempo que Laplanche (1991/1992) também situa Freud, fazendo referência ao que ele chamou de uma teoria freudiana *implícita* sobre o tempo, levando em consideração que Freud dedicou atenção, em obras como *Totem e tabu* (1912–1913) e *O*

mal-estar na civilização (1930), a uma temporalidade que envolve o que supostamente há de pré-histórico, arqueológico e mitológico nas sociedades humanas e que seria transmitido temporalmente. Mas, sobre isso, Laplanche (1987/1992, p. 64) adverte que

[...] o fundamento da psicanálise não pode evitar a referência a uma história, que, neste sentido, ele deve ser histórico, ou genético; mas isto no sentido de uma gênese do originário e não no sentido estrito da psicologia genética. Em outras palavras, o fundamento da psicanálise não está no ar; recusamos a facilidade veiculada pela ideia de mito, qualquer remissão há tempos supostamente “míticos”, quer na história individual, quer na história coletiva. Mas, ao mesmo tempo, o fundamento da psicanálise deve se demarcar de uma psicologia desenvolvimentista, o que só pode ser feito marcando a especificidade de seu objeto, isto é, o inconsciente e a sexualidade. (Laplanche, 1987/1992, p. 64)

Para Laplanche (1991/1992), tanto a noção de tempo individual em Freud, proposta no modelo perceptivo, quanto a noção de tempo histórico/coletivo deixam de levar em conta a intervenção do outro, a dependência do outro — outro que interfere com sua sexualidade e que é fator necessário para a fundação do inconsciente, como mostraremos com mais atenção nos tópicos seguintes deste artigo.

Ainda assim, o tempo histórico foi uma noção pouco explorada por Laplanche (1991/1992), pois ele considerava que essa discussão nos levaria a outra questão: não somente daquilo que compreendemos como parte do processo de tradução-destrução-retradução, mas também do que se aproximaria de algo da ordem de uma *recapitulação*. Entretanto, ao que tudo indica, Freud não tinha a pretensão, pelo menos direta, de elaborar algo sobre o que seria um tempo histórico. Vale salientar que essa é uma interpretação feita por Laplanche (1991/1992) para pensar sobre o efeito de tais obras freudianas.

Agora, tendo como referência as divisões de tempo propostas por Laplanche, avançaremos e trabalharemos com mais atenção sobre o que ele chamou de um *tempo propriamente humano*, ou seja, o nível III da sua divisão, para o qual parece-nos que foi dedicada boa parte de seu trabalho teórico sobre a problemática temporal. Laplanche (1991/1992) utiliza o trabalho de luto como modelo na tentativa de explicitar o que seria, então, um tempo propriamente humano, conforme indicaremos a seguir.

4. Tempo do Luto: Paradigma da Temporalização Humana?

Laplanche (1991/1992) propõe que o confronto do sujeito com a perda, o confronto do sujeito com o luto, pode ser considerado um paradigma, um modelo para pensar sobre o que seria a temporalização humana. Isso porque o luto, segundo Laplanche (1991/1992), coloca o sujeito a trabalho: um trabalho que exige e convoca lembranças, memórias para além da

situação presente, afetando assim a duração de um tempo supostamente linear. Para elaborar tal ideia, Laplanche (1991/1992) utiliza como referência o clássico texto de Freud, *Luto e melancolia*, produzido em 1915 e publicado em 1917.

Nesse texto, Freud (1917[1915]/2010) se propõe a diferenciar o luto da melancolia. O luto é compreendido como uma reação não-patológica à perda de um objeto de investimento, uma perda que dependerá de um certo lapso de tempo para que possa se configurar uma espécie de “recuperação” do sujeito enlutado. O que é necessário que se realize durante esse “lapso de tempo”, pensando a partir de Freud? O luto demanda do sujeito um complexo tempo psíquico, porque prolonga a presença do objeto perdido por meio de lembranças, pela via de um superinvestimento nesse objeto. Espera-se que tal superinvestimento no objeto perdido possa, gradativamente, ser *desligado* pelo sujeito enlutado. O objetivo final do luto é, então, para Freud (1915), “o desprendimento definitivo da libido” (Laplanche, 1987/1993, p. 247).

Outro ponto defendido por Freud (1917[1915]/2010) é o de que esse gradual processo de desligamento dos investimentos no objeto perdido, no caso do luto, se passa mais ao lado da consciência, do que do inconsciente. Esse é um dos aspectos que servem, novamente, para diferenciar o luto da melancolia: o luto, portanto, sendo localizado mais próximo dos processos conscientes, já que, segundo Freud (1917[1915]/2010), o sujeito possuiria *consciência do objeto perdido*, enquanto a perda do objeto na melancolia, ou, mais especificamente, *aquilo que se perdeu do objeto* no sujeito melancólico, seria um conflito que se passaria, necessariamente, a nível inconsciente.

Além dos aspectos citados acima, outro aspecto que, para Freud (1917[1915]/2010), não está presente no luto, mas que, caso se fizesse presente, denotaria ao luto um caráter patológico, é o conflito de ambivalência, de amor e ódio, em relação ao objeto perdido. O conflito de ambivalência para com o objeto é, em Freud (1917[1915]/2010), situado mais ao lado da melancolia, portanto, assumindo características de um adoecimento psíquico. Soma-se a essa ambivalência, presente no sujeito melancólico, a complexidade de um jogo de identificação narcísica com o objeto perdido.

Diante das elaborações de Freud (1917[1915]/2010) para diferenciar o processo de luto da melancolia, Laplanche (1991/1992) faz a seguinte provocação: como seria possível pensar em um luto que não seja minado pelo inconsciente do sujeito, e que não produza — ou que não revele — ambivalência em relação ao objeto perdido, e, mais do que isso, que não acarrete em algum nível de identificação narcísica com o objeto? A fórmula freudiana que vincula o luto ao lado da consciência, distante das implicações da ambivalência, distante do jogo de identificação narcísica, parece demasiadamente simples para Laplanche (1991/1992). O trabalho de luto, e a

temporalidade que se vincula a ele, exige um trabalho mais complexo: situado mais ao lado do inconsciente e, logo, dando a centralidade não mais ao sujeito enlutado, mas, sim, à presença do outro, à alteridade que impulsionou a fundação do próprio inconsciente, como veremos.

Neste ponto de nossa discussão, vale a pena mencionar o texto freudiano *A transitoriedade*, também produzido em 1915 e publicado em 1916, pois ele vai na mesma direção à qual Laplanche (1991/1992) nos convida. Nesse texto em questão, Freud (1916[1915]/2010) está atento a um aspecto fundamental do processo de luto, aspecto que também é defendido por Laplanche (1991/1992): que o luto não ocorre de maneira “automática”, e muito menos natural. Freud (1916[1915]/2010) compreende o luto como um “enigma”, como um processo que está muito além de um mero jogo de perda e substituição do objeto perdido. Para ele, é difícil compreender o quão doloroso pode ser não só a perda propriamente dita do objeto, mas também o luto diante da *possibilidade* de perda do objeto, diante da transitoriedade do objeto.

A partir dessa discussão, articulando Freud (1916[1915]/2010) a Laplanche (1991/1992), podemos considerar que o luto exige um trabalho que depende das possibilidades psíquicas de cada sujeito, ou seja, um trabalho que está necessariamente enredado em uma trama psíquica singular. A discussão sobre a singularidade do luto leva-nos à singularidade do próprio tempo. Como no texto de Freud, cada participante da conversa, diante dos destroços da guerra, reage de um modo distinto. O luto, como trabalho *dinâmico* entre o antes, o agora e o depois, também é um trabalho de temporalização singular. Diante da perda, alguns sujeitos ficam como que suspensos no tempo. Outros, no entanto, conseguem isolar o acontecido para abrir espaço rumo ao novo, produzindo o futuro. Essa tarefa, insistimos com Laplanche (1991/1992), depende totalmente da relação do sujeito com sua alteridade interna. E é essa hipótese que desenvolveremos a seguir.

5. O Mito de Penélope como Metáfora ao Trabalho do Luto

Para pensar em tal complexidade sobre a noção de luto em psicanálise, Laplanche (1991/1992) utiliza como metáfora a passagem de Penélope, personagem da *Odisseia* de Homero. Penélope, esposa de Ulisses, espera que seu marido volte da Guerra de Troia. Após anos de espera, e sem receber qualquer notícia de Ulisses, seu pai insiste para que ela se case novamente, tentando arranjar para ela um novo pretendente. Penélope, na esperança de manter sua espera por Ulisses, responde ao pai que só se casará novamente com outro pretendente quando terminar de tecer um grande manto. Sua estratégia, então, passa a ser a de,

pacientemente, tecer o manto durante o dia e, à noite, desmanchá-lo, para voltar a tecê-lo no dia seguinte, tornando seu trabalho (praticamente) interminável.

O processo de tessitura de Penélope é, para Laplanche (1991/1992), uma metáfora para pensar sobre processo de luto, não só como a estratégia de uma esposa que deseja esperar por seu marido e despistar os novos pretendentes, mas também, e principalmente, como metáfora ao modo do *trabalho de luto*. Para realizar sua tessitura, Laplanche (1991/1992) aponta, era necessário que Penélope posicionasse os fios, organizasse-os em um tear e exercesse sobre eles um *trabalho* durante o dia, para, enfim, desmanchá-lo durante a noite, para poder novamente, no dia seguinte, tecê-los de outra forma. O que Laplanche (1991/1992) parece indicar com essa metáfora? Que Penélope, ao contrário do que propõe Freud (1917[1915]/2010), não “desliga”, não rompe e nem se desfaz dos fios de investimento que se vinculam à figura de seu esposo, Ulisses, enquanto um objeto perdido: ela desfaz e refaz uma nova trama, a partir dos fios dos quais dispõe. Ainda, Laplanche (1991/1992) acrescenta que Penélope, com seus fios, os desenrola pacientemente para poder recompô-los de outra maneira. Esse trabalho adicional é noturno, *longe da clareza consciente com que Freud afirma que se quebra os fios um a um*. Este trabalho requer tempo, é repetitivo.

Laplanche (1991/1992) aponta, então, para esse trabalho de luto, que não se passa a nível consciente, como proposto por Freud (1917[1915]/2010), mas, sim, a nível inconsciente — um trabalho que é marcado pela repetição, como diz Laplanche (1991/1992). Entretanto, espera-se que, em algum momento, a nova tessitura se torne um pouco mais duradoura, que demande cada vez menos trabalho. Ademais, salientamos que esse trabalho sobre a trama necessariamente está relacionado àquilo que é originário nos sujeitos. Os fios que permitem esse *remontar*, que dão condições para que ocorra esse movimento de *retecer*, provêm daquilo que é próprio do humano: a alteridade. Ou seja, está em jogo a presença das mensagens provenientes do outro, implantadas no psicossoma da criança desde a situação originária, e cujo resto não traduzido vai para o inconsciente, que se engendra no luto do objeto perdido.

O processo de luto, portanto, possui uma relação evidente com a perda do objeto. Mas, o que Laplanche (1991/1992) aponta é que a situação do luto não se limita à perda *por si só*; a perda, necessariamente, remonta à história de vida, à trama psíquica do sujeito enlutado, que, como mostraremos a seguir, não envolve somente o outro perdido, mas também o outro da situação originária. Diante disso, concluímos que é necessário um superinvestimento no objeto perdido, mas não no sentido de realizar esse gradual desligamento dos investimentos, como foi proposto por Freud (1917[1915]/2010). É preciso superinvestir no sentido de realizar um modo de meditação, um *trabalho meditativo sobre a perda* (Laplanche, 1991/1992). Isso porque a

perda coloca radicalmente o sujeito diante da necessidade de um trabalho que envolve considerar a ausência do ente perdido, mas também reorganizar-se perante a ausência do objeto perdido com os fios que se integram a sua memória e sua história de vida.

Parece que Laplanche (1991/1992) indica novamente a importância de pensarmos mais próximos da demanda de um *trabalho psíquico*, da necessidade de que o sujeito em luto possa se *reorganizar* narcisicamente, incorporando a perda na tentativa de, a partir disso, poder projetar novas possibilidades de existência: traduzir, destraduzir e retraduzir. E é nesse ponto que Laplanche (1991/1992) sugere uma semelhança entre o trabalho de luto e o processo analítico, pois ambos convocam um trabalho, uma reorganização por parte do sujeito. Entretanto, o processo analítico, para Laplanche (1991/1992), é considerado “mais profundo”, pois utiliza um método específico que se propõe, exatamente, a tentar desfazer traduções excessivamente sintomáticas e produzir novas retraduições, talvez, menos sintomáticas.

Conforme vimos, o luto possui suas especificidades, assim como possui o processo analítico. Mas a semelhança entre ambos parece nos mostrar que há *algo de próprio do humano* nesse movimento de tradução, destradução e retradução (Laplanche, 1991/1992). Esse movimento, conforme elucidaremos no tópico a seguir, parece ser a tarefa — no sentido de uma *exigência* de trabalho psíquico — à qual todo sujeito, diante de um outro, está submetido, desde os momentos iniciais.

6. Tradução, Destradução e Retradução em sua Equivalência com o Processo de Temporalização

A cena que propomos para refletir mais atentamente sobre o tempo humano é a cena de um adulto diante de um recém-nascido. Tal cena, em Laplanche (2006/2015), é duplamente assimétrica: em primeiro lugar, assimétrica porque o adulto veicula ao recém-nascido, através de seus investimentos e cuidados, mensagens comprometidas, contaminadas, por seu inconsciente sexual e que, por isso mesmo, são enigmáticas. Em segundo lugar, a assimetria é do adulto em relação a si mesmo, em relação a seu próprio inconsciente, o que se deve ao fato de que seu inconsciente também é marcado e constituído por uma alteridade radical e que é transmitido ao recém-nascido para além de seu controle. Ou seja, a situação de passividade da criança diante do adulto reativa a situação de passividade que, outrora, o próprio adulto já viveu (Laplanche, 2006/2015).

Levamos em conta, então, que é o sexual do adulto que ocupa lugar de primazia nessa cena e que o recém-nascido possui uma abertura absoluta em relação a essa estrangeiridade do

adulto (Laplanche, 1992/2016). Quais as consequências disso para pensarmos no tempo humano? Retomando nossas considerações sobre os momentos iniciais de vida, e pensando junto com Laplanche (1987/1992) e a teoria da sedução generalizada, o outro adulto da cena descrita é a presença necessária para que, gradualmente, a criança possa se constituir psiquicamente. O outro adulto e sua sexualidade inconsciente, como mencionamos, têm primazia e centralidade na constituição psíquica de todos os sujeitos. Mas também — e essa será, mais especificamente, a proposta de Laplanche para pensarmos no tempo humano — a presença do outro é fundamental para que o sujeito possa vir a se integrar em relação ao tempo, a experienciar o tempo e o seu movimento, a experienciar o que compreendemos como uma capacidade de temporalização humana (Laplanche, 1989/1992a). Ou seja, a presença do outro é, ao mesmo tempo, excitante e continente para a criança.

Isso porque Laplanche (1987/1992) propõe a ideia de que o processo tradutivo e destradutivo é impulsionado pelo outro adulto, desde e a partir dos cuidados iniciais. Mas, paralelamente a isso, o processo de tradução e destradução em Laplanche (1991/1992) é pensado como a entrada do sujeito no movimento do tempo, aspecto que será tratado com mais atenção em seguida. Ou seja, os investimentos iniciais do outro adulto, e a consequente transmissão de mensagens que vão no sentido adulto-criança, lançam o *infans* em direção a um primeiro “a traduzir”. A tradução é a porta de entrada do sujeito no movimento do tempo, diz-nos Laplanche (1991/1992). Chegamos à ideia de que, sem a intervenção do outro, não é possível que haja a inscrição ou o ingresso em uma temporalidade humana.

Quando falamos de um primeiro “a traduzir”, somos remetidos ao que Laplanche (1991/1992) considera como sendo a *base do processo de temporalização*: o inconsciente. Como apontamos anteriormente, o adulto que investe nos cuidados de uma criança está transmitindo, inconscientemente, toda uma complexidade de mensagens. Essa situação de assimetria na relação adulto-*infans* acaba por impelir a criança ao processo de tradução. Com isso, compreendemos que o início do processo tradutivo se dá, então, diante de uma *necessidade* de tradução. Como consideramos que se dá esse movimento, ainda tendo como suporte a teoria laplancheana?

Como vimos, o adulto implanta, transmite a mensagem enigmática (comprometida por sua própria sexualidade inconsciente), fato que exige da criança um primeiro momento de tentativa de tradução. A criança, no entanto, não detém qualquer recurso para traduzir essas mensagens, o que faz com que as tentativas de tradução sejam fracassadas, falhas, deixando restos que não puderam ser traduzidos e que são recalçados (Laplanche, 1987/1992). Consideramos esse processo de recalçamento dos restos não traduzidos e não metabolizados

como um primeiro tempo do recalçamento, o recalçamento originário, cenário que acaba por fundar o inconsciente (Laplanche, 1987/1992).

A atuação do recalçamento originário, todavia, caracteriza apenas o que Laplanche (1987/1992, p. 139) chama de um “momento primeiro e fundante de um processo que dura a vida toda”. Isso implica dizer que a proposta tradutiva de Laplanche não deve ser compreendida como uma espécie de aquisição progressiva das capacidades tradutivas, a tal ponto que a tradução possa vir a ser completa e bem sucedida. A essência da mensagem veiculada pelo outro é ser *enigmática* e, portanto, sempre deixará algum resto que não pôde ser traduzido e deve ser, como dito, recalçado.

Diante do necessário fracasso nas primeiras tentativas de tradução e da gradual aquisição de alguns recursos tradutivos (que são códigos próprios não só do meio intrafamiliar, mas também do meio cultural, transmitidos pela figura do adulto), a criança pode realizar melhores traduções para os enigmas que foram transmitidos pelo próprio adulto. Com isso, consideramos que o inconsciente representa, aos sujeitos, uma fonte inesgotável de demanda de uma melhor tradução (Laplanche, 1991/1992). Isso porque o inconsciente nunca poderá ser traduzido perfeitamente, nem mesmo em sua totalidade.

Com isso, depreendemos que o movimento de temporalização humana, o movimento de tradução, destradição e retradição (Laplanche, 1991/1992), será necessário durante toda existência. Como discutimos, o sujeito é, desde sua origem, colocado num lugar em que é necessário se movimentar no sentido de reinventar e reinvestir a vida psíquica (Laplanche, 1987/1992). Retomando a metáfora de Penélope, a tessitura será feita e refeita incessantemente, de forma mais ou menos duradoura, mais ou menos sintomática. Para pensarmos nesse aspecto, serve-nos novamente de exemplo a situação analítica que consiste, para Laplanche (1987/1992), em desfazer, destraduzir uma tradução já existente — e talvez sintomática — para encontrar uma melhor tradução, talvez menos sintomática, que produza, assim, menos sofrimento.

O que entendemos como parte fundamental da cura analítica, ainda pensando junto com Laplanche (1991/1992), é o contato com algo que marca de forma fundamental a vivência humana: a possibilidade de temporalização das experiências — a capacidade de se temporalizar, queremos dizer, temporalizar a si mesmo, diante das experiências. O que diz respeito a uma temporalidade da cura na situação de análise encontra ressonâncias e desdobramentos, portanto, no que há de próprio na temporalidade humana (Laplanche, 1991/1992).

O sujeito se projeta para o futuro, segundo Laplanche (1991/1992), porque ele não só teoriza sobre o mundo, mas também autoteoriza, traduz a si mesmo, especialmente se pensarmos em situações que o convocam para esse trabalho — situações como a análise e o

luto, como citamos anteriormente. Laplanche (1991/1992) diz que essas situações podem funcionar como possibilidade de questionar as presentes traduções, destraduzí-las à medida que o sujeito remonta e retoma o passado. Esse é o trabalho o que pode permitir a operação de melhores traduções em cima do passado. Laplanche (1987/1992, p. 64) lembra-nos que “todo *movimento* consiste em reabitar, ou, se quisermos, reinvestir a vida psíquica no seu conjunto por motivações sexuais em grande parte inconscientes”.

A partir de tais aspectos, podemos pensar que o movimento de temporalização não é, para Laplanche (1991/1992), compreendido a partir de uma unilateralidade da flecha do tempo, que vai no sentido passado-presente-futuro, mas, sim, a partir de uma inversão nessa flecha do tempo unilateral. Consideramos, em Laplanche (1991/1992), que o tempo funciona dentro dessa “flecha do tempo invertida”, que se apresenta como *presente-passado-futuro*. Nessa forma de compreender o movimento do tempo, há a pressuposição de *algo* que já foi integrado pelo sujeito através dos processos tradutivos. Há, portanto, a pressuposição de que o tempo humano só pode ser experienciado após a interferência do outro. Concluimos que a experiência do tempo não é, portanto, individual e privada, se pensarmos a partir do modelo proposto por Laplanche (1991/1992).

Como vimos, o tempo laplancheano é considerado um movimento que foi, em um primeiro momento, impulsionado. Impulsionado pelo outro da situação originária, que instaura o que Laplanche (1991/1992, p. 331) chama de um “a traduzir primordial”, que é o inconsciente. Espera-se que, gradualmente, as novas traduções feitas pelo sujeito venham a cobrir esse arcaico “a traduzir” (Laplanche, 1991/1992). Cobrir, no entanto, não deve ser entendido como sinônimo de esgotar a demanda de tradução proveniente do inconsciente.

Se pensamos, retomando a citação de Laplanche (1987/1992, p. 63), que “o originário é algo que transcende o tempo, mas que, ao mesmo tempo, fica ligado ao tempo”, somos levados à conclusão de que o *tempo propriamente humano*, ou seja, o tempo na análise, o tempo do luto, não respeita e não se adequa a um tempo lógico. Quando falamos de um tempo humano, estamos falando, portanto, de um tempo elaborativo, que envolve o tecer e destecer de uma trama psíquica. Sendo assim, inferimos que, a esse tempo humano, não cabem as tentativas de enquadramento a um tempo cronológico, apesar de entendermos, como dito, que ambos podem estabelecer íntima relação.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos organizar as principais contribuições de Laplanche para a reflexão sobre o tempo, tendo como foco os movimentos teóricos que foram desenvolvidos principalmente em dois textos do livro *La révolution copernicienne inachevée*. Ao longo de nossa explanação, mostramos que as elaborações feitas por Laplanche para a discussão sobre a temporalidade humana partem daquilo que Freud elaborou sobre o tempo. Indicamos que é na advertência que Laplanche (1991/1992) faz a Freud que fica evidente sua principal linha de raciocínio: o *eu* não pode ser considerado o centro da experiência temporal. É o outro da situação originária quem se “encarrega”, inconscientemente, de impulsionar o recém-nascido para o que ele chamou de uma *temporalidade propriamente humana*.

Laplanche (1991/1992) articula fortemente a noção de temporalidade à experiência psíquica da tradução-destrução-retradução, tomando o luto como modelo paradigmático. A temporalidade humana, assim como o luto, se articula à relação intrínseca entre o *eu* e o outro da situação originária. Com isso, concluímos que esse é o movimento copernicano de Laplanche: trazer o tempo para a experiência libidinal do sujeito.

Em outro momento, não isolado deste, Laplanche dedica especial atenção à discussão sobre o *a posteriori*, desenvolvendo uma de suas problemáticas exclusivamente para pensar o *après-coup*. Por compreendermos que o *a posteriori* reposiciona de forma importante a concepção de temporalidade em psicanálise, também para ele pretendemos dedicar um artigo. Acreditamos que a noção de *a posteriori* está a serviço de complexificar ainda mais a ideia de uma temporalidade propriamente humana.

Referências

- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Júnior, Trad.). Imago. (Trabalho original produzido em 1895 e publicado em 1950).
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 247–252). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1915 e publicado em 1916).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 161–239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).

- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 13–160). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1914 e publicado em 1918).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 170–194). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1915 e publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). O início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 163–192). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 13–123). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1929 e publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). Nota sobre o “bloco mágico”. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 267–274). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Laplanche, J. (1992). Le temps et l’autre [O tempo e o outro]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 359–384). Aubier. (Trabalho original publicado em 1991).
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (C. Berliner, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1992a). Débat à propos de « *Temporalité et traduction* » [Debate acerca de “*Temporalidade e tradução*”]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 337–354). Aubier. (Trabalho original publicado em 1989).
- Laplanche, J. (1992b). Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps [Temporalidade e tradução : por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 317–336). Aubier. (Trabalho original publicado em 1989).
- Laplanche, J. (1993). *Problemáticas: Vol. 5. A tina: a transcendência da transferência* (P. Neves, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000–2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trads.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2006).

Laplanche, J. (2016). A revolução copernicana inacabada (M. Deweik & M. L. C. Costa, Trads.). *Percurso*, (56/57).
http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1212&ori=edicao
(Trabalho original publicado em 1992).

2 ARTIGO: A *DIMENSÃO TEMPORAL DO APRÈS-COUP NO CONTEXTO DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA*

Resumo

Neste artigo, dedicamo-nos a discutir o *après-coup*, tendo como foco seu caráter temporal. Para isso, partimos de algumas das discussões elaboradas por Laplanche acerca da compreensão desse fenômeno. Indicamos, primeiro, seu enquadre na teoria da sedução restrita freudiana até, finalmente, articulá-lo ao contexto da teoria da sedução generalizada. Por fim, propomos a diferenciação de dois possíveis modos de manifestação do *après-coup*, tendo como respaldo metafórico duas obras de Kafka, quais sejam, *O processo* (1920) e *Carta ao pai* (1919).

Palavras-chave: *Après-coup*. Temporalidade. Teoria da sedução generalizada. Laplanche. Psicanálise.

Abstract

In this article, we dedicate ourselves to discussing the *après-coup*, focusing on its temporal aspect. To achieve this, we start from some of the discussions elaborated by Laplanche about understanding this phenomenon. We first indicate its context in the Freudian restricted theory of seduction until, finally, we articulate it in the context of the General Theory of Seduction. Concluding, we propose the differentiation of two possible modes of manifestation of the *après-coup*, taking as metaphorical support two works by Kafka, namely, *The trial* (1920) and *Letter to his father* (1919).

Keywords: *Après-coup*. Temporality. General Theory of Seduction. Laplanche. Psychoanalysis.

Resumen

En este artículo nos dedicamos a discutir el *après-coup*, centrándonos en su aspecto temporal. Para lograrlo, partimos de algunas de las discusiones elaboradas por Laplanche sobre la comprensión de este fenómeno. Primero indicamos su contexto en la teoría freudiana de la seducción restringida hasta, finalmente, la articulamos en el contexto de la Teoría de la Seducción Generalizada. Por fin, proponemos la diferenciación de dos posibles modos de manifestación del *après-coup*, teniendo como soporte metafórico dos obras de Kafka, a saber, *El proceso* (1920) y *Carta al padre* (1919).

Palabras clave: *Après-coup*. Temporalidad. Teoría de la Seducción Generalizada. Laplanche. Psicoanálisis.

Considerações Iniciais

Para a elaboração da presente pesquisa, realizamos o percurso teórico proposto por Laplanche (2006) para melhor compreender sua sexta problemática, *Problématiques VI : l'après-coup* [*Problemáticas VI: o a posteriori*]. O caminho indicado por ele é o que também sugerimos aos leitores deste artigo: visitar o *Vocabulário da psicanálise* (1967), escrito com Pontalis, e os livros *Vida e morte em psicanálise* (1970) e *Novos fundamentos para a psicanálise* (1987). Já que o *après-coup* se trata de um fenômeno cuja descrição parte inicialmente de Freud, empenhamo-nos em apresentar os pontos que consideramos centrais de sua teoria para, então, tensioná-la com a teoria de Laplanche.

Ancorados no que propõe Laplanche (2006), acreditamos que o movimento de pesquisa não se dá em uma linha direta, linear, como se fosse uma flecha de direção unilateral; ele se dá, antes, em um movimento espiral. Compreender a própria pesquisa a partir de um movimento em espiral implica dizer que retomamos pontos semelhantes de uma discussão, mas sempre em outro nível, em outro lugar. Acreditamos que assim também ocorre todo movimento que é próprio do humano, seja mediante a retomada de uma história de vida, seja mediante a recapitulação de um pensamento teórico.

Après-coup é a tradução francesa adotada para os termos em alemão *Nachträglichkeit* (substantivo) e *nachträglich* (adjetivo e advérbio) (Laplanche & Pontalis, 1967/1991) que foram apresentados por Freud em diversos momentos de sua obra. *A posteriori*, por sua vez, é a tradução latina para esses termos. Sabemos que esses dois termos possuem algumas particularidades de tradução que foram minuciosamente trabalhadas e discutidas na sexta problemática de Laplanche, principalmente nas aulas de 28 de novembro e de 12 de dezembro de 1989. Neste artigo, no entanto, não vamos nos ater a essa diferenciação, e sim tratar ambos como sinônimos.

De maneira geral e introdutória, compreendemos que o *après-coup* faz referência a um fenômeno psíquico que pode trazer tanto uma ideia de economia quanto de temporalidade psíquica, sendo essa última o foco de nosso interesse. O funcionamento do *après-coup* traz consigo uma marca de dois tempos: o primeiro tempo de inscrição de um material no psiquismo e o segundo, de reinvestimento nessa inscrição. O segundo tempo é, portanto, o responsável por produzir as modificações psíquicas que podem assumir, ao longo da história de vida do sujeito,

um sentido, “uma eficácia *ou* um poder patogênico”¹ (Laplanche & Pontalis, 1967/1991, p. 33, ênfase acrescentada).

Neste artigo, partimos do pressuposto de que os modos a partir dos quais o sujeito vivencia e se inscreve em uma temporalidade estão intimamente imbricados com o *après-coup*. Ou seja, consideramos que os efeitos desse fenômeno não são somente responsáveis por produzir modificações psíquicas, mas também se tornam determinantes para a experiência do tempo humano. A capacidade de experimentar um tempo propriamente humano, em alusão a Laplanche (1992b), por sua vez, só é possível em função da intervenção do outro da situação originária, como discutiremos tendo como suporte a teoria da sedução generalizada.

Apesar de o *après-coup* ter sido descrito por Freud em textos famosos, como *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e *História de uma neurose infantil* (“O homem dos lobos”) (19180, Laplanche (2006) mostra que sua especificidade foi radicalmente camuflada dentro da história da psicanálise, e isso se deve a diversos fatores. O principal deles é que as primeiras traduções para o inglês não estavam devidamente atentas ao fato de que as menções de Freud aos termos *Nachträglichkeit* e *nachträglich* indicavam uma operação psíquica específica. A depender do contexto em que o termo foi utilizado por Freud, sua tradução foi consideravelmente alterada, “despadronizada”, o que acabou contribuindo para essa “camuflagem” do *après-coup* dentro da teoria freudiana.

Segundo Laplanche (2006), o eclipse e posterior reaparição do conceito dentro do cenário psicanalítico resultam, ironicamente, em um ótimo exemplo daquilo que consideramos como *après-coup*: após um considerável lapso de tempo, o termo, até então eclipsado, foi reaberto em um segundo momento. Lacan foi o responsável por notar esse problema de tradução e apontar para as especificidades dos termos nas obras de Freud. Ele, inclusive, propôs a tradução de *après-coup*, que foi mantida por Laplanche. Entretanto, Laplanche e Pontalis são os responsáveis por rearticular a noção de *après-coup* à teoria da sedução em seu sentido ampliado, articulação esta que, como veremos, também interessou a Freud, ainda que ele tenha abandonado a teoria da sedução.

¹ Os casos de neurose traumática tratados por Freud são exemplos de como o *après-coup* pode modificar as inscrições psíquicas, de tal maneira que elas adquirem, no segundo tempo, o tempo de retranscrição, um caráter patogênico. Salientamos que, dentro da teoria freudiana, o segundo tempo seria responsável por instaurar o trauma, proposta esta que será questionada por Laplanche (2006).

1. O *Après-Coup* em Freud: Comentários de Laplanche à Teoria da Sedução Restrita

As primeiras aparições do *après-coup*, de acordo com Laplanche (2006), estão presentes desde trabalhos iniciais como os *Estudos sobre a histeria* (1893–1895), escrito por Freud e Breuer, mais especificamente quando apresentam ao leitor o caso de Elisabeth von R. Depois disso, o fenômeno do *après-coup* foi descrito de forma mais evidente no caso Emma e no caso do homem dos lobos, para os quais dedicaremos especial atenção nos próximos tópicos deste artigo. O ponto que, desde já, pretendemos deixar evidente em relação a esses dois casos é que, em ambos, Freud suspeita da íntima articulação entre o *après-coup* e a sedução.

Laplanche (1986/1988a) considera que a noção de *après-coup* é, ao mesmo tempo, força e fraqueza da teoria da sedução restrita² de Freud. A força reside no fato de que Freud aponta para aquilo que Laplanche (1986/1988a, p. 112) chamou de “três fatores da racionalidade analítica”: 1) a temporalidade do *après-coup*; 2) a localização tópica subjetiva, e 3) os laços tradutores ou interpretativos entre os cenários e as cenas. Entretanto, nessa busca incessante de Freud por encontrar as vias associativas que levassem a cenas concretas de sedução, no sentido restrito do termo, Laplanche situa também a fraqueza da teoria da sedução freudiana.

A sedução, em Freud, serviu, até certo ponto, para explicar principalmente as manifestações históricas. Tratava-se sempre de uma sedução factual e, portanto, patológica: um adulto seduz uma criança dentro do quadro de um abuso propriamente dito. Na proposta de Freud, seria necessário encontrar uma cena antiga que demonstrasse a “efetividade” da sedução (Laplanche, 1986/1988a, p. 123), na expectativa de que ela fosse capaz de explicar os sintomas de suas pacientes. Em Freud, “trata-se sempre de uma imagem sem falhas, um quebra-cabeça onde todas as peças devem se completar” (Laplanche, 1986/1988b, p. 88). Esse vínculo fechado entre a factualidade da sedução e a teorização recaem, por sua vez, na impossibilidade de encontrar essa “imagem sem falhas”.

O funcionamento por trás do fenômeno do *après-coup*, dentro da teoria freudiana da sedução restrita, resume-se, portanto, a uma cena antiga de sedução — no seu sentido factual — que teria se inscrito no psiquismo de uma criança. Essa cena seria reativada e reinvestida em um segundo tempo, graças à aquisição de representações capazes de denotar o caráter abusivo da primeira cena. O abismo entre esses dois tempos, para Freud (1950[1895]/1995), nada mais é do que a maturação advinda da puberdade, responsável por designar o caráter de um “atentado

² O caráter restrito da teoria da sedução de Freud se refere à sua limitação ao domínio da psicopatologia, conforme nos indica Laplanche (2006/2015).

sexual” para a cena mais antiga (Laplanche, 1970/1985, p. 47). O segundo tempo, portanto, seria capaz de caracterizar algo da ordem do traumático para Freud³.

Dentro dessa concepção, o efeito traumático, que se instala no *modus operandi* do *après-coup*, não se explica simplesmente a partir da exterioridade. Quer dizer, é necessário que haja um primeiro tempo, mais antigo, de internalização de uma cena de sedução, no sentido mais restrito do termo, para a qual o psiquismo não possui os recursos necessários de tradução, e um segundo tempo, dessa vez de um *reinvestimento*, através de uma cena mais recente (Caruth, 1994/2015; Laplanche para Caruth, 23 out. 1994). Essa *revivescência interna*, portanto, seria a responsável por produzir o efeito traumático, funcionando, então, como uma fonte autotraumatizante (Laplanche, 1987/1992); a cena antiga deveria ser revelada na tentativa de explicar aquilo que se produziu no *après-coup*.

Nessa busca incessante por uma cena anterior que fosse capaz de organizar um quebra-cabeça livre de falhas (Laplanche, 1986/1988a), Freud resvala e se vê obrigado a abandonar a teoria da sedução restrita. A constatação lógica elaborada por ele é a de que não faria sentido pensar que para cada histérica, necessariamente, tenha ocorrido o convívio com um adulto perverso e abusivo. Outro aspecto que termina por dismantelar a hipótese da sedução em Freud, para Laplanche (1970/1985), é a impossibilidade de diferenciar se a cena antiga encontrada está mais próxima de uma “realidade efetiva” ou de uma fantasia. Entretanto, sobre essa questão, Laplanche elabora a seguinte crítica:

Digamos que falta-lhe [em Freud] explicitar o que, entretanto, está presente na noção de “realidade psíquica”, alguma coisa que tivesse toda consistência do real, sem contudo ser verificável pela experiência externa, uma categoria que pudesse ser designada, numa primeira aproximação, como “estrutural”. (Laplanche, 1970/1985, p. 40)

Ou seja, o dilema de Freud em determinar se a cena mais anterior estaria mais próxima da realidade ou da fantasia poderia ser “resolvido” se fosse levada em consideração a consistência de *algo* estrutural da experiência humana, transmitido nos momentos iniciais. Falta considerar a efetividade da sedução, *em seu sentido ampliado*, que vem a estruturar, gradualmente, o psiquismo. A sedução generalizada não faz referência a uma relação *necessariamente* patológica e verificável em uma cena específica. O adulto da situação originária nem sempre é perverso, ainda que possa vir a ser. Mas o excesso daquilo que ele veicula à criança é, *necessariamente*, excessivo e traumático e, por isso mesmo, *estrutural*

³ Referimo-nos ao momento da obra de Freud em que este ainda está calcado na proposta da primeira teoria do trauma.

(Laplanche, 1970/1985). Essa é, resumidamente, a crítica posta por Laplanche, cuja ideia demonstraremos melhor neste artigo.

O caso Emma é paradigmático para pensar de forma mais prática no sentido do *après-coup* em Freud e nos apontamentos que fizemos até aqui. Salientamos, com Laplanche (1970/1985), alguns aspectos principais a serem observados no caso Emma: 1) uma flecha do tempo que se desloca sempre em sentido unilateral (passado-presente-futuro); 2) um trauma que se instala em um segundo tempo; e 3) a puberdade funcionando como um marco que diferencia esses dois tempos. No próximo tópico, descreveremos brevemente o caso Emma, dando enfoque para a problemática do *après-coup*.

2. O Mecanismo do *Après-Coup*

No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud apresenta o caso Emma para discutir o que está em jogo no quadro da histeria. Emma apresentava como um de seus sintomas o que Freud (1950[1895]/1995, p. 65, ênfase no original) chamou de uma “compulsão de que não pode ir *sozinha* a uma loja”. Freud, na tentativa de explicar a produção do sintoma de Emma, evidencia o que seria sua compreensão acerca do fenômeno do *après-coup*.

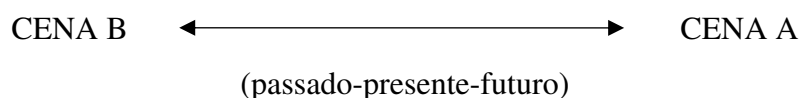
Emma relaciona o surgimento do seu sintoma com uma experiência pela qual passou quando tinha 12 anos de idade, momento que Freud (1950[1895]/1995) localiza como sendo logo após a puberdade e que é tratado por ele como *cena A*: ela entra em uma loja e percebe que dois vendedores estão rindo de suas roupas; ela sai da loja, assustada, e passa a apresentar dificuldades em entrar em estabelecimentos comerciais desacompanhada. É difícil, até mesmo para Freud, compreender a formação do sintoma de Emma a partir dessa cena, que, isolada, parece trivial.

Mediante a continuidade da análise, Emma faz uma associação de seu sintoma com uma segunda lembrança, dessa vez aos oito anos de idade, portanto, antes do marco da puberdade, que é tratada por Freud (1950[1895]/1995) como *cena B*: ela vai a uma confeitaria comprar doces e é assediada sexualmente pelo proprietário do estabelecimento. O vínculo associativo entre as duas cenas seria o *riso*: o proprietário que a assediou estava rindo, assim como os vendedores da loja. Além disso, em ambos os casos, ela estava *sozinha*. A diferença entre as cenas, conforme tentamos indicar anteriormente, está na “maturação” advinda da puberdade. Sobre esse aspecto, Freud alega: “a recordação desperta, o que naquela época certamente não podia, uma *liberação sexual* que se converte em angústia. Com a angústia, ela teme que os balconistas possam repetir o atentado e foge” (p. 66).

Nesse caso, acreditamos que fica ainda mais evidente a lógica de Freud: o trauma se instaura no segundo tempo, em um momento em que Emma, com as novas aquisições trazidas pela puberdade, tem recursos psíquicos suficientes para significar a cena B (cena antiga) enquanto um assédio sexual. A cena B, portanto, é a cena que fora inscrita em um momento pré-pubertário, em que o sujeito possuía recursos psíquicos insuficientes de representação, e que se liga à cena A, mais recente. Entretanto, essa associação não pode ser percebida conscientemente. Ou seja, o sintoma, enquanto processo patológico produzido a partir da cena A, ocorre graças ao processo de deslocamento do afeto da cena B, mais antiga, para uma nova representação presente na cena A, mais recente. O deslocamento, em Freud, é o mesmo mecanismo dos sonhos: a carga de afeto de uma representação se desloca para outra, ou seja, A “esvazia” B. É nesse ponto da discussão que Laplanche (2006) nos atenta para o caráter também econômico do *après-coup* em Freud.

Nesse momento da obra de Freud, a sequência do *après-coup* é relativamente simples: pré-puberdade e pós-puberdade (Laplanche, 2006), com o traumático consistindo no segundo tempo, referente ao ataque interior proveniente da cena mais antiga. Sobre esse aspecto, Laplanche (2006) indica que, para Freud, são os restos mnêmicos da primeira cena que possuem uma função traumática; o segundo tempo é, então, uma espécie de *autotraumatismo*.

Além disso, no caso Emma, fica nítida a ideia de que a temporalidade do *après-coup* em Freud é, antes de tudo, unilateral. A flecha se desloca em apenas duas direções possíveis. A primeira direção, do passado para o futuro, adquire representação na cena B, inscrita no psiquismo de Emma e reativada no período pós-puberdade. A segunda, do futuro para o passado, trata-se de uma reinterpretação de Emma sobre seu passado: agora adulta, após o advento da puberdade, ela é capaz de ressignificar e interpretar a própria história retroativamente. Para Laplanche (2006), no primeiro caso, estamos mais próximos de uma lógica determinista, e no segundo, de uma hermenêutica.



Os dois sentidos são possíveis e, para Laplanche (2006), parecem estar presentes na compreensão do *après-coup*, sendo a interpretação mais frequente, dentro da psicanálise, a de uma “atribuição retroativa de sentido” (Laplanche, 2001/2015a, p. 109). Entretanto, as duas direções apontam para o perigo de simplificar demais o fenômeno do *après-coup* — como vimos no final do tópico anterior, há algo que se instala entre as cenas e que acaba por embarçar

a linearidade da flecha do tempo —, independentemente do sentido para o qual aponta. Retomamos que, para Laplanche (1970/1985, p. 40), há algo com “toda consistência do real, sem, contudo, ser verificável pela experiência externa”, que se intromete em qualquer cadeia associativa. Deprendemos que falta, no caso Emma, dar centralidade ao outro.

Para darmos continuidade a essa discussão, dedicamos o próximo tópico ao famoso caso do homem dos lobos. Nesse texto específico de Freud, Laplanche (2006) considera que ele se mostrou novamente atento à suspeita de que o *après-coup* pudesse estar articulado à ideia de sedução. Lembramos que a teoria da sedução já havia sido abandonada por Freud na carta enviada a Fliess em 21 de setembro de 1897, mas torna a aparecer como uma suspeita fundamental na elaboração teórica do caso do homem dos lobos.

3. O Caso do Homem dos Lobos: O Retorno da Relação entre o *Après-Coup* e a Sedução

O caso do homem dos lobos é um dos textos freudianos em que está posta a problemática do *après-coup* de forma mais direta e representa uma importante reaparição da noção, após anos de eclipse do termo. Nesse caso em específico, os termos *Nachträglichkeit* (subst.) e *nachträglich* (adj. e adv.) aparecem diversas vezes. A descrição do caso revela, assim como no caso Emma, o paradigma dos dois tempos: um primeiro, de inscrição, e um segundo, de reinvestimento nessa primeira inscrição (retranscrição).

No caso do homem dos lobos, Freud (1918[1914]/2010) se dedica a analisar um adulto, reconstruindo mais do que as memórias de sua infância, diz Laplanche (2006), mas também a história de uma neurose infantil tratada, acima de tudo, como uma *realidade clínica* — e, acrescentamos, tratada como uma atualidade clínica. Trata-se de um movimento fundamental feito por Freud. Após longo período de análise do homem dos lobos, foi possível traçar um primeiro paralelo entre a neurose infantil e a lembrança de um sonho que ocorreu à época dos quatro anos de idade do analisando de Freud. Eis uma breve descrição do sonho: ele sonhou que lobos brancos o observavam, do lado de fora e através de uma janela aberta, sentados em cima de uma árvore; acordou, de sobressalto, com o pavor e a angústia de que poderia ser devorado.

Freud (1918[1914]/2010) localiza o desencadeamento da neurose infantil do homem dos lobos após esse sonho. O analisando desenvolve uma fobia de lobos e outros animais, fobia que vai adquirindo, ao longo de sua história, características cada vez mais obsessivas. Consideramos, com Laplanche (2006), que o sonho, nesse caso, funciona como um representante do segundo tempo do *après-coup*.

Freud (1918[1914]/2010) se vê diante do impasse de explicar qual evento anterior estaria associado ao sonho: qual seria, então, a primeira cena, reaberta através do sonho? Dessa vez, diferentemente do caso Emma, Freud recorre à criação de uma cena primordial para explicar o primeiro tempo de inscrição, isto é, para explicitar o exato momento em que um material não pôde ser psiquicamente integrado por seu analisando. Isso o coloca, novamente, em uma busca pela realidade da cena primordial (Laplanche, 2006). A cena criada em análise, conforme salienta Laplanche (2006), não é trazida pelo analisando como uma lembrança, como uma memória; ela é inteira e minuciosamente reconstruída a partir do sonho com os lobos e apresentada à verificação⁴ do analisando.

A cena primordial à qual Freud recorre para explicar o primeiro tempo do *après-coup* seria a cena da observação do coito dos pais, quando o analisando teria cerca de um ano e meio de idade. Essa cena foi reconstruída em análise, na expectativa de ligar, como em um quebra-cabeças, a cena primordial “[...] com o sonho, os sintomas e a biografia do paciente” (Freud, 1918[1914]/2010, p. 54). Para Freud, a cena primordial do coito dos pais, agiria como um “acontecimento fresco” (p. 145), um ataque interno, sendo sentido, entretanto, como uma interferência alheia e estrangeira ao sujeito.

Mesmo se tratando de um texto posterior, em um momento em que Freud já havia renunciado à teoria da sedução restrita, ou seja, à primeira teoria do trauma, ele coloca a seguinte provocação:

Conduzimos a descrição até a proximidade do quarto aniversário, momento em que o sonho faz agir *a posteriori* a observação, feita com um ano e meio, do coito. Os processos que então ocorrem não podemos apreender totalmente nem descrever suficientemente. A ativação da imagem, que devido ao maior desenvolvimento intelectual pode ser entendida, atua como um acontecimento fresco, mas também como um novo trauma, *uma interferência alheia, análoga à sedução*. (Freud, 1918[1914]/2010, pp. 144–145, ênfase acrescentada)

Este trecho do texto de Freud denuncia a necessidade de retomar a ideia de sedução e sua abandonada teoria do trauma. Isso se torna relevante não só pela retomada feita por ele, mas também pela verificação de que *a velha teoria do trauma é inseparável do après-coup* (Laplanche, 2006). Entretanto, Laplanche (2006) faz uma observação fundamental para retomar sua crítica: Freud ainda não estava considerando a sedução como fator estrutural de toda relação inicial, ou seja, de toda relação adulto-criança; a sedução é retratada através da transmissão de esquemas “arquetípicos”, referenciados por Freud como “fantasias originárias”.

4 A verificação é a observação daquilo que se produziu a partir da hipótese apresentada ao analisando: se foi fecunda (engendrando novas associações, afetos e sintomas) ou não (Laplanche, 2006).

[...] é a ideia de que esta cena pertence ao passado — ontogênico ou filogênico — do indivíduo e constitui um acontecimento que pode ser da ordem do mito, mas que já está presente, antes de qualquer significação introduzida a posteriori. (Laplanche & Pontalis, 1967/1991, p. 63)

No caso do homem dos lobos, por exemplo, a ideia de sedução ainda é concebida como factual, como quase gestual (Laplanche, 2006). O que falta em Freud, adiantando as elaborações de Laplanche, assim como indicamos no tópico anterior dedicado ao caso Emma, é a ideia de uma *sedução originária*, uma estrutura de sedução que necessariamente marca toda relação inicial entre adulto e criança — uma sedução, segundo Laplanche (2006/2015), que não pode ser localizada em uma cena específica porque corresponde, antes de tudo, a uma *situação* de passividade da criança perante a intervenção do outro e da mensagem sexual do outro, ponto que trataremos com mais atenção no tópico seguinte.

Laplanche (2006) critica a ideia de fantasia originária que percorre todo texto do homem dos lobos: a ilusão de encontrar algo (uma cena, uma fantasia) que explique e constitua uma totalidade do caso. Laplanche aproxima esse aspecto excessivamente investigativo, *radicalmente científico* de Freud, a um modelo *puzzle*: assim como no jogo, ronda a crença de que seria possível encontrar, em cada caso, um estado final e completo. Segundo Laplanche (2006), a ideia de que algo possa, por sua própria estrutura, não ser resolvida é o que Freud não suporta. Compreendemos, com Laplanche, que o que não pode ser resolvido nada mais é do que a sexualidade inconsciente do outro, implantada no psicossoma da criança pelo adulto, desde os momentos iniciais. Discutiremos essa ideia a seguir.

4. O *Après-Coup* a partir da Teoria da Sedução Generalizada

Dedicamos os tópicos anteriores para revisitar a noção de *après-coup* dentro da teoria de Freud, introduzindo algumas das principais críticas de Laplanche. Neste tópico, detalharemos melhor algumas contribuições laplancheanas, a partir da teoria da sedução generalizada, para propor o que foi chamado de um *modelo tradutivo do après-coup* (Laplanche, 2006). O que dizemos, resumidamente, quando falamos de uma teoria que *generaliza* a sedução? Freud, como vimos, compreendia a sedução no seu sentido factual; Laplanche, por sua vez, amplia essa ideia ao propor que a sedução não é necessariamente factual, ainda que possa ser. A sedução é, como vimos, uma *situação*.

Essa situação se refere a toda relação adulto-*infans* e seus moldes assimétricos: um adulto, provido de uma sexualidade inconsciente, que transmite mensagens enigmáticas⁵ para uma criança, ainda passiva diante dessa transmissão por estar desprovida de qualquer recurso para traduzi-las. O adulto, cuja sexualidade é essencialmente composta por seus próprios “resíduos infantis”, como diz Laplanche (2001/2015a, p. 106), *seduz* a criança no sentido ampliado do termo, implantando o enigma que, por sua vez, vem a exigir um permanente trabalho tradutivo, como veremos. Essa situação que descrevemos é, de forma sintética, a Situação Antropológica Fundamental (SAF) trabalhada por Laplanche.

A partir do pressuposto de que a sedução do outro, no sentido generalizado do termo, é a marca da situação originária, Laplanche (2001/2015b) coloca dois elementos que, para ele, se engendram ao *après-coup*. Em primeiro lugar, a primazia e a centralidade do outro, ultrapassando a lógica de que o *après-coup* seria um fenômeno autotraumatizante, cuja personagem principal seria um indivíduo autocentrado. Em segundo lugar, a simultaneidade da relação adulto-criança no sentido de que a Situação Antropológica Fundamental é necessariamente composta por uma “criança na presença do adulto, recebendo dele mensagens que não são um dado bruto, mas ‘a traduzir’” (Laplanche, 2001/2015b, p. 165).

Os dois elementos que Laplanche (2001/2015b) introduz nos servem como uma crítica para pensar tanto no caso Emma quanto no caso do homem dos lobos. Isso porque, em ambos, o trauma que o *après-coup* promove só se efetiva em um segundo tempo, como vimos anteriormente: é preciso, primeiro, que *algo* proveniente do exterior seja inscrito no psiquismo do sujeito; depois, o que fora inscrito precisa ser reexperimentado *après-coup* para se converter em um trauma interno (Caruth, 1994/2015; Laplanche para Caruth, 23 out. 1994). Nesse viés, uma cena só se torna traumática porque entra em “ressonância associativa com a primeira” (Laplanche, 1987/1992, p. 120). O modelo do trauma em Freud, dentro dos moldes do *après-coup*, nunca vem simplesmente do exterior, diz Laplanche (Caruth, 1994/2015; Laplanche para Caruth, 23 out. 1994); Freud coloca o próprio sujeito no centro do trauma, deixando de enfatizar a influência efetiva do outro que compõe a cena.

Observamos que Laplanche não recusa a lógica da associação entre as cenas para pensar no *après-coup*. Conforme apontamos anteriormente, ele considera como força da teoria da sedução restrita de Freud a ideia de que as cenas se associam por meio de laços propriamente tradutores. A crítica vai no sentido de que Freud deixa de pontuar que a sexualidade

⁵ Para Laplanche, as mensagens são consideradas enigmáticas para a criança porque são enigmáticas em si mesmas: o outro-adulto que as transmite está invadido por seu próprio inconsciente, que é um outro-interno.

inconsciente do outro é justamente o material responsável por impregnar e enlaçar a cadeia de cenas. Outra diferença fundamental é que, para Laplanche, conforme indicamos, a invasão da sexualidade do outro acontece antes mesmo do segundo tempo do *après-coup*, para o qual Freud tanto deu ênfase, ou seja, antes mesmo do sujeito se tornar adulto e antes mesmo das aquisições provenientes da puberdade. Segundo ele, “antes desse “*après-coup*”, que se situa no longo período que separa o jovem da criança pequena, já há uma espécie de *après-coup* na quase simultaneidade entre o outro adulto e a criança que registra e, depois, traduz a mensagem” (Laplanche, 2001/2015a, p. 111).

Retomamos a ideia de que a situação originária é instituída por um adulto que implanta mensagens inconscientes e sexuais no corpo-psiquismo infantil (Netto & Cardoso, 2012) e por uma criança cujas tentativas iniciais de tradução são fracassadas. Gradualmente, uma parte das mensagens serão traduzidas graças aos recursos tradutivos veiculados também pelo adulto. A outra parte corresponde aos restos da tradução, pois a mensagem enigmática sempre deixará resíduos, os quais são recalçados e fundam o inconsciente. Dentro desse processo de clivagem psíquica, os restos não-traduzidos passam a representar ao sujeito um “a traduzir” fundamental (1992) e são sentidos como um corpo-estranho-interno que exige, ao longo de uma história, um permanente trabalho tradutivo. Isso representa um primeiro tempo, um *avant-coup*, como diz Laplanche (2006).

Mas o ponto em que Laplanche (2006) insiste é que a invasão irreduzível do pulsional não é sentida desde o início: é preciso que haja um *eu* minimamente constituído; isso só é possível através de um gradual fechamento, que funciona como uma tentativa de defesa diante do excesso da sedução do outro. Nesse sentido, o “tempo auto” (Laplanche, 1992) é o momento em que se configuram os primeiros formatos de autonomia psíquica, os primeiros contornos de um sujeito dotado de um inconsciente (Andrade, 2011). Trata-se de um conjunto de movimentos que possibilitam que o pulsional seja sentido de modo masoquista, sentido como “a dolorosa agressão de um corpo estranho interno, diante do qual o *eu* é passivo e está em permanente perigo de sucumbir à invasão” (Laplanche, 2006, p. 448). Acreditamos que essa organização masoquista originária seja um dos efeitos do golpe [*coup*] proveniente das mensagens enigmáticas originárias.

Laplanche (2006) mostra-nos que o “tempo auto” — que garante a saída do plano da autoconservação — produz uma espécie de bifurcação no plano sexual: uma via sádica, e uma via masoquista. Retomamos esse esquema de Laplanche porque ele será útil para pensarmos no próximo tópico em uma bifurcação na experiência temporal, sobre a qual acreditamos que o fenômeno do *après-coup* atue. Ou seja, acreditamos que o ingresso em uma temporalidade

humana só é possível também a partir deste “tempo auto”, que é sentido de forma masoquista. É dentro desse movimento constitutivo que o tempo deixa de ser uma mera passagem cronológica, autoconservativo, e se torna, aos poucos, sexual, libidinizado. No próximo tópico, iremos discorrer sobre paradigma do *après-coup* como imbricado à organização desse “tempo auto”, para, por fim, propormos duas possibilidades de manifestação do *après-coup*.

5. Dois Possíveis Modos de Manifestação Temporal do *Après-Coup* a partir da Teoria da Sedução Generalizada

Indicamos que o *après-coup* se trata de um fenômeno que encontra ressonâncias na situação originária, cuja característica fundamental, como vimos, é a assimetria na relação adulto-*infans*. Tendo isso em vista, sugerimos a distinção de dois movimentos possíveis do *après-coup*, que estamos considerando como efeitos possíveis daquilo que “no momento em que foi vivido, não pôde integrar-se plenamente num contexto significativo” (Laplanche & Pontalis, 1967/1991, p. 34), ou seja, a invasão do sexual do outro.

A primeira manifestação do *après-coup* que propomos pensar é aquela que parece ocupar um lugar central dentro da psicanálise: o caráter hermenêutico do *après-coup*. Estamos considerando como hermenêutica a capacidade de um sujeito de narrar a própria história e teorizar a partir dela, interpretar, traduzir, dar novos significados. Salientamos que não falamos, aqui, de uma hermenêutica que utiliza códigos pré-estabelecidos para interpretar uma narrativa, como é o caso, por exemplo, dos complexos psicanalíticos, que, segundo Laplanche (1995/2023), se propõem a decodificar e sintetizar aquilo que o sujeito narra. Há um risco nessa hermenêutica decodificadora que é: “o simbolismo que *faz calar* as associações” (p. 202, ênfase no original).

A possibilidade hermenêutica do *après-coup* que estamos considerando diz respeito, antes de tudo, aos recursos psíquicos de um sujeito, os quais permitem a ele interpretar e historicizar a si e ao outro; possibilitam que haja uma espécie de trânsito psíquico temporal entre passado, presente e futuro. Insistimos, com Laplanche (1995/2023), que esse trabalho é e deve ser realizado pelo próprio sujeito, e encontra sua potência diante de um outro que instiga e provoca o enigma. Nesse sentido, a relação analista-analisando é o modelo emblemático da provocação do enigma por um outro — o analista — e da conseqüente produção de tentativas de tradução: “a situação originária (renovada no tratamento analítico), portanto, não é: eu estou aqui, em situação, e interpreto. Mas: o outro se dirige a mim, de forma enigmática, e eu (bebê-analisando) traduzo” (Laplanche, 1995/2023, p. 206).

Reconhecemos, portanto, que há um movimento próprio do *après-coup* que vai justamente retomar uma via de tradução, de apropriação e de produção de sentido diante do enigma. Isso porque qualquer interpretação de uma história e de um passado está relacionada à mensagem enigmática que fora depositada e que demanda ser traduzida (Laplanche, 1995/2023). Sugerimos que a experiência de uma temporalidade produzida pelo *après-coup* hermenêutico está necessariamente relacionado ao modelo proposto por Laplanche (1995/2023) de tradução-destrução-retradução, um movimento, portanto, que viabiliza um vetor temporal dinâmico, “alternadamente retroativo e progressivo” (Laplanche, 1992/2023, p. 60).

Entretanto, propomos uma segunda manifestação do *après-coup*, que vai exatamente na contramão de um trabalho hermenêutico e dinâmico. Por isso, chamaremos essa segunda possibilidade de *après-coup* contra-hermenêutico. Partimos do pressuposto de que, assim como o caráter hermenêutico possui influência direta na experiência do tempo, ao possibilitar que o sujeito transite temporalmente em uma história, o *après-coup* contra-hermenêutico também interfere diretamente nos modos de inscrição de um sujeito no tempo, como discutiremos a seguir. A fim de exemplificar e ilustrar a possibilidade contra-hermenêutica do *après-coup*, tomamos como exemplos principais dois textos de Kafka: *O processo*, produzido em 1920, e *Carta ao pai*, produzido em 1919.

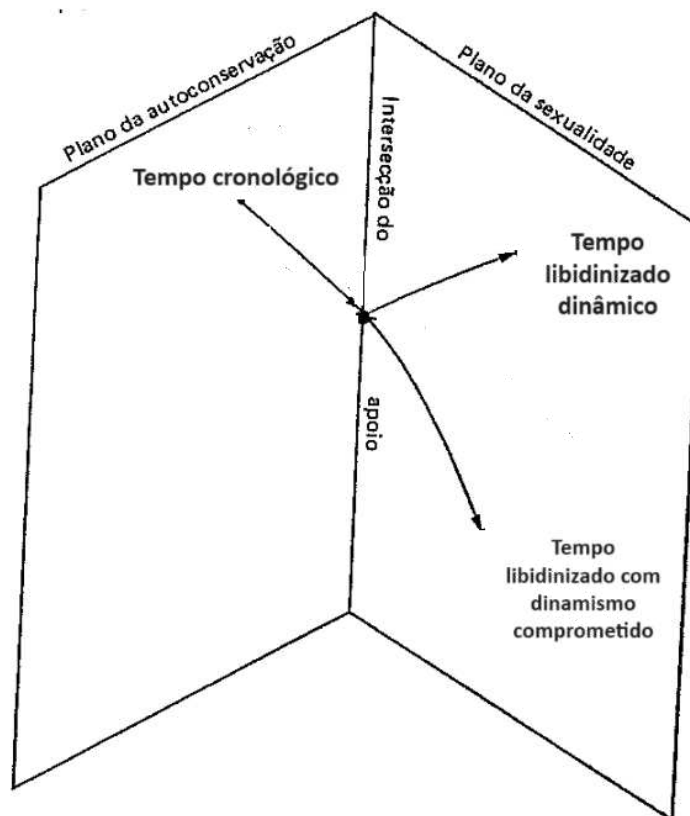
No romance *O processo*, a personagem principal, Josef K., acorda subitamente sendo processado. Em uma manhã, na pensão em que vivia, ele recebe um mandado de prisão de alguns guardas que sequer o informam do motivo do processo. Os guardas invadem sua privacidade, se esquivam de seus questionamentos e zombam do lugar vulnerável de incompreensão em que ele se encontra. O romance transcorre através das inúmeras e frustradas tentativas de Josef K. de compreender e se defender do processo do qual estava sendo acusado (Kafka, 1925[1920]/2021). Entretanto, como seria possível se defender daquilo que ele não sabe o que é? É nesse ponto que buscamos relação com determinados sintomas manifestados, sintomas que aparecem sem nome e sem causa, sem antes e depois — com um trânsito temporal comprometido —, o que parece deixar o sujeito à mercê de descrições repetitivas e esvaziadas de seu mal-estar que retorna como uma repetição enigmática.

Podemos perceber, no caso de Josef K., que sua vida, de repente, passa a estar completamente comprometida pelo processo ao qual está submetido. Sua existência vai, aos poucos, se tornando uma permanente tentativa de defesa de algo que ele desconhece. Acreditamos, de forma metafórica, que alguns sintomas e manifestações são capazes de produzir esse mesmo comprometimento na história de um sujeito, funcionando sob a operação do *après-coup* contra-hermenêutico. Esses ataques, entretanto, são provenientes do sexual

introjetado pelo outro, fazendo com que o enigma se presentifique de forma violenta e constante. O sujeito, nesses casos, estaria diante de um paradoxo temporal: a capacidade de temporalizar a si e ao outro está comprometida — ou, até mesmo, paralisada — pela presentificação excessiva de uma repetição. Ainda que o tempo cronológico passe e, mais do que isso, toda uma história libidinal tenha constituído o sujeito, há uma espécie de paralisia diante do ataque pulsional. Ou seja, o passado retorna com intensidade no presente, produzindo, com insistência, uma única possibilidade de futuro.

Carta ao pai, por sua vez, é uma publicação póstuma da carta escrita por Kafka, que fora direcionada a seu pai, Hermann Kafka. Nela, o autor discorre detalhadamente sobre a difícil relação paterna e como isso reverbera e afeta de forma determinante muitos âmbitos de sua vida: seu casamento, seu trabalho, seus modos de relação, suas escolhas: “Todas aquelas ideias na aparência independentes de você estavam desde o início gravadas pelo seu juízo desfavorável” (Kafka, [1919]/1997, p. 8). Nesse caso, apontamos para uma operação do *après-coup* muito próxima à que demonstramos em Josef K., com a diferença de que, em *Carta ao pai*, a representação do ataque pulsional parece estar fixada na figura paterna. Ou seja, toda pluralidade enigmática que necessariamente marca uma história está comprometida. Há, novamente, uma paralisia do sujeito, pois o sentido, condensado em uma única figura, deixa de circular: o enigma passa a ser, invariavelmente, o pai. O que parece que encontramos é a repetição de uma única interpretação que potencialmente imobiliza todas as outras.

Nos exemplos de manifestação do *après-coup* que sugerimos como contra-hermenêutico, percebemos essa intensidade repetitiva e, mais do que isso, um comprometimento da experiência temporal do sujeito, já as possibilidades tradutivas se encontram em uma espécie de curto-circuito. Acreditamos, com o suporte da teoria de Laplanche, que a repetição do *après-coup* contra-hermenêutico, que paralisa o sujeito no tempo, nada mais é do que a imobilidade diante de um intenso ataque pulsional direcionado ao *eu*. Propomos uma ilustração na tentativa de demonstrar como se dá o ingresso em uma temporalidade humana, e que acreditamos retornar ao sujeito nos moldes do *après-coup*. Cogitamos que o fenômeno em questão é capaz de reabrir as bifurcações temporais que foram produzidas no “tempo auto”. Abaixo, utilizamos como base o modelo que Laplanche (1970/1985) exemplificou no livro *Vida e Morte em Psicanálise* da bifurcação sadismo-masochismo.



Sugerimos que o *après-coup* seja responsável por reabrir uma experiência temporal que é produzida a partir do “tempo auto”, e, portanto, a partir da relação com o outro (adulto). Acreditamos que um *après-coup* hermenêutico reabre um tempo que pôde ser libidinizado de forma mais dinâmica, em que o sujeito pôde integrar e traduzir parte do enigma transmitido pelo outro de tal forma que viabiliza um vetor temporal cambiante, que transita com mais facilidade entre presente-passado-futuro. Estamos fazendo, portanto, a seguinte associação: quanto mais recursos tradutivos um sujeito dispor, mais dinâmica será sua experiência temporal.

Os fracassos tradutivos, situados mais ao lado de uma intromissão do enigma do adulto, por sua vez, não impedem que haja o ingresso em uma temporalidade. Entretanto, a experiência temporal também sofrerá efeitos disso: o tempo é marcado por um intenso ataque daquilo que fora intrometido pelo outro, e sugerimos que é essa mesma via que retorna para o sujeito, incessantemente, sob os moldes do *après-coup* contra-hermenêutico. Elaboramos essa proposta provocados pelo questionamento feito por Laplanche:

“O homem que fala”, o homem exposto às mensagens, logo, o homem com quem se fala, o homem que deve imperativamente traduzi-las, fazê-las suas, o homem que traduz; *quando ele fracassa em traduzi-las, como ele é possuído por elas?* Esse é o questionamento que precisamos levar em frente em nossa própria área. (Laplanche, 2015, Pág. 130, ênfase acrescentada).

Depreendemos, portanto, que um dos modos do sujeito que está diante do fracasso tradutivo das mensagens enigmáticas, é possuído por elas seja através desse retorno invasivo,

que é possível graças à operação do fenômeno do *après-coup*, mais especificamente, do *après-coup* contra-hermenêutico. O retorno insistente, para nós, nada mais é do que uma tentativa de abarcar esse excesso atacante de um estranho-interno que, ao mesmo tempo e por consequência, inflexibiliza a experiência temporal: há como que uma dobra no tempo, de modo que o passado, o presente e o futuro estão afetados por esse intenso ataque pulsional; passado, presente e futuro se tornam ameaçados e ameaçadores.

O sujeito só é capaz de sair do paradoxo temporal, que o aprisiona e o apassiva, por meio de uma retomada do trabalho tradutivo, que permita uma gradual elaboração do excesso do ataque sexual — ainda que enigmático, portanto, impossível de ser completamente traduzido —, de modo que ele não comprometa de forma tão intensa a experiência temporal de um sujeito. Insistimos que o golpe proveniente da sexualidade inconsciente do outro sempre será uma marca na história libidinal dos sujeitos: por isso, indicamos que tanto o *après-coup* hermenêutico, quando o contra-hermenêutico, são necessariamente respostas ao golpe [*coup*]. Propomos, portanto, que a saída da repetição de um *après-coup* contra-hermenêutico é, fundamentalmente, o ingresso em um *après-coup* hermenêutico, que registra o movimento temporal através das traduções, destradações e retradações.

Pensemos, brevemente, em exemplos caricaturais e didáticos do que estamos tentando descrever. A rotina do sono e do despertar, da alimentação, dos cuidados temporalizam a experiência libidinal presente no encontro entre a mãe e o bebê. Se tudo corre de maneira mais ou menos tranquila (suficientemente boa, para usar a expressão de Winnicott), o tempo vai se instituindo em sua continuidade e permanece dinamicamente aberto para revisitações e retradações. O passado pode ser reinterpretado, não são necessárias defesas violentas como o apagamento das memórias, nem a construção de memórias falsas.

No outro lado do espectro, temos as experiências da ordem da intromissão. O sono do bebê perturbado pelo adulto ansioso, a negligência nos cuidados, a falta de rotina tranquila e prazerosa: muitos elementos que vão perturbando a temporalização do bebê. Disso resulta um tempo arruinado pelo excesso do sexual. O tempo de espera da mãe é angústia de abandono ou certeza do desamparo. Nenhum espaço para a constituição tranquila de uma brincadeira como a do *fort-da* que ajudaria a simbolizar o tempo de espera da mãe. Faltam recursos simbólicos seja por negligência ou violência e isso faz com que o tempo permaneça numa dinâmica contra-hermenêutica. O futuro ameaçador, o passado traumático, a sensação de que o tempo não passa ou que a passagem do tempo produz apenas o mesmo, sem esperança e sem mudança de nada novo. Tempo da melancolia e da neurose obsessiva grave, sofrimento de um tempo que não se renova, preso à repetição: o presente é apenas a espera da repetição do passado no futuro.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos discutir a noção de *après-coup* dentro da obra de Freud a partir de dois casos centrais — o caso do homem dos lobos e o caso Emma —, tendo como suporte as elaborações propostas por Laplanche no livro *Problématiques VI: l'après-coup*. Mostramos a importância de que a noção de *après-coup* esteja articulada ao contexto da sedução. Como vimos, esse movimento foi empreendido por Freud, mas acabou sendo posteriormente abandonado. Um dos trabalhos fundamentais de Laplanche foi, portanto, rearticular o *après-coup* à sedução, propondo, para ele, o modelo tradutivo que, por sua vez, coloca o outro na centralidade da experiência do fenômeno.

Indicamos que o *après-coup*, para além de suas implicações econômicas e quantitativas, exerce influência na experiência temporal do sujeito. Nossa argumentação vai no sentido de propor duas possibilidades para sua manifestação: o *après-coup* hermenêutico e o *après-coup* contra-hermenêutico. O primeiro, possibilitando ao sujeito uma flexibilidade e trânsito temporal e, o segundo, ao contrário, comprometendo a experiência do tempo. As duas possibilidades, entretanto, remontam a duas respostas possíveis que foram organizadas diante do ataque da sexualidade do outro da situação originária.

Referências

- Andrade, F. C. B. (2011). A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Estudos de Psicanálise*, (36), 55–68.
- Caruth, C. (2015). Una entrevista con Jean Laplanche [Uma entrevista com Jean Laplanche] (D. Golergant, Trad.). *Alter: Revista de Psicoanálisis, Investigación y Traducciones Inéditas*, (9). <https://revistaalter.com/revista/una-entrevista-con-jean-laplanche/> (Trabalho original produzido em 1994).
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Júnior, Trad.). Imago. (Trabalho original produzido em 1895 e publicado em 1950).
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 13–160). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1914 e publicado em 1918).
- Kafka, F. (1997). *Carta ao pai* (M. Carone, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1919).

- Kafka, F. (2021). *O processo* (P. Rissatti, Trad.). Antofágica. (Trabalho original produzido em 1920 e publicado em 1925).
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise* (C. P. B. Mourão & C. F. Santiago, Trads.). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1970).
- Laplanche, J. (1988a). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (D. Vasconcellos, Trad.; pp. 108–125). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986).
- Laplanche, J. (1988b). Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es). In J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (D. Vasconcellos, Trad.; pp. 84–96). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986).
- Laplanche, J. (1992). Masochisme et théorie de la séduction généralisée [Masoquismo e teoria da sedução generalizada]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 439–456). Aubier.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (C. Berliner, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1992). Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps [Temporalidade e tradução : por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 317–336). Aubier. (Trabalho original publicado em 1989).
- Laplanche, J. (2006). *Problématiques : Vol. 6. L'après-coup* [Problemáticas: Vol. 6. O a posteriori]. Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000–2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trads.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2006).
- Laplanche, J. (2015a). A partir da situação antropológica fundamental. In J. Laplanche. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trads.; pp. 103–115). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2001).
- Laplanche, J. (2015b). O gênero, o sexo e o sexual. In J. Laplanche. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trads.; pp. 154–188). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2001).

- Laplanche, J. (2023). A psicanálise como anti-hermenêutica. In J. Laplanche. *Entre a sedução e a inspiração: o homem* (V. Dresch, Trad.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 1995).
- Laplanche, J. (2023). Notas sobre o *après-coup*. In J. Laplanche. *Entre a sedução e a inspiração: o homem* (V. Dresch, Trad.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 1992).
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1991). *Vocabulário da psicanálise* (D. Lagache, Ed., & P. Tamen, Trad.; 11ª ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).
- Netto, N. K. P., & Cardoso, M. R. (2012). Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise? *Psicologia em Estudo*, 17(3), 529–537. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000300018>

CONCLUSÃO

Alicerçados na teoria de Laplanche, discutimos a ideia de que a experiência do tempo dos sujeitos está necessariamente calcada na figura do outro: ele é a única possibilidade de ingresso em uma temporalidade propriamente humana. Como vimos, essa temporalidade própria do humano está muito além de um tempo cronológico e linear; ela, inclusive, é responsável por embaraçar a suposta linearidade temporal. Um sujeito pode experimentar, por exemplo, um passado que se presentifica excessivamente, paralisando-o no tempo diante do ataque pulsional; ou, então, vivenciar um maior dinamismo temporal que possibilita o deslocamento psíquico entre o que vive, o que viveu e o que pode viver.

Insistimos que qualquer experiência de tempo só se torna viável através do golpe [*coup*] que é, ao mesmo tempo, invasivo e potencialmente estruturante. A instauração, como vimos, é a de um material “a traduzir”, introjetado pelo outro da situação originária. Esse “a traduzir” é, portanto, um eixo central na engrenagem dos processos de tradução, destradição e retradição. Concluimos, ao final desta dissertação, que a temporalidade se trata de, antes de tudo, de uma experiência libidinal, na qual o *eu* não ocupa um lugar central, mas, sim, o outro, transmissor das mensagens enigmáticas originárias.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, F. C. B. (2011). A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Estudos de Psicanálise*, (36), 55–68.
- Caruth, C. (2015). Una entrevista con Jean Laplanche [Uma entrevista com Jean Laplanche] (D. Golergant, Trad.). *Alter: Revista de Psicoanálisis, Investigación y Traducciones Inéditas*, (9). <https://revistaalter.com/revista/una-entrevista-con-jean-laplanche/> (Trabalho original produzido em 1994).
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia* (O. F. Gabbi Júnior, Trad.). Imago. (Trabalho original produzido em 1895 e publicado em 1950).
- Freud, S. (2010). A transitoriedade. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 247–252). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1915 e publicado em 1916).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 161–239). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”). In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 13–160). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1914 e publicado em 1918).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 170–194). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1915 e publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). O início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 163–192). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 13–123). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1929 e publicado em 1930).
- Freud, S. (2011). Nota sobre o “bloco mágico”. In P. C. Souza (Ed. & Trad.). *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 267–274). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).

- Kafka, F. (1997). *Carta ao pai* (M. Carone, Trad.). Companhia das Letras. (Trabalho original produzido em 1919).
- Kafka, F. (2021). *O processo* (P. Rissatti, Trad.). Antofágica. (Trabalho original produzido em 1920 e publicado em 1925).
- Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise* (C. P. B. Mourão & C. F. Santiago, Trans.). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1970).
- Laplanche, J. (1988). Da teoria da sedução restrita à teoria da sedução generalizada. In J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (D. Vasconcellos, Trad.; pp. 108–125). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986).
- Laplanche, J. (1988). Traumatismo, tradução, transferência e outros trans(es). In J. Laplanche. *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios* (D. Vasconcellos, Trad.; pp. 84–96). Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986).
- Laplanche, J. (1992). Débat à propos de « *Temporalité et traduction* » [Debate acerca de “*Temporalidade e tradução*”]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 337–354). Aubier. (Trabalho original publicado em 1989).
- Laplanche, J. (1992). Le temps et l’autre [O tempo e o outro]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 359–384). Aubier. (Trabalho original publicado em 1991).
- Laplanche, J. (1992). Masochisme et théorie de la séduction généralisée [Masoquismo e teoria da sedução generalizada]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 439–456). Aubier.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise* (C. Berliner, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Laplanche, J. (1992). Temporalité et traduction : pour une remise au travail de la philosophie du temps [Temporalidade e tradução : por um retorno ao trabalho da filosofia do tempo]. In J. Laplanche. *La révolution copernicienne inachevée : travaux 1967–1992* (pp. 317–336). Aubier. (Trabalho original publicado em 1989).
- Laplanche, J. (1993). *Problemáticas: Vol. 5. A tina: a transcendência da transferência* (P. Neves, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).

- Laplanche, J. (2006). *Problématiques : Vol. 6. L'après-coup* [*Problemáticas: Vol. 6. O a posteriori*]. Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J. (2015). A partir da situação antropológica fundamental. In J. Laplanche. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trads.; pp. 103–115). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2001).
- Laplanche, J. (2015). O gênero, o sexo e o sexual. In J. Laplanche. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trads.; pp. 154–188). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2001).
- Laplanche, J. (2015). *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000–2006)* (V. Dresch & M. Marques, Trads.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 2006).
- Laplanche, J. (2016). A revolução copernicana inacabada (M. Deweik & M. L. C. Costa, Trads.). *Percurso*, (56/57). http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1212&ori=edicao (Trabalho original publicado em 1992).
- Laplanche, J. (2023). A psicanálise como anti-hermenêutica. In J. Laplanche. *Entre a sedução e a inspiração: o homem* (V. Dresch, Trad.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 1995).
- Laplanche, J. (2023). Notas sobre o *après-coup*. In J. Laplanche. *Entre a sedução e a inspiração: o homem* (V. Dresch, Trad.). Dublinense. (Trabalho original publicado em 1992).
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1991). *Vocabulário da psicanálise* (D. Lagache, Ed., & P. Tamen, Trad.; 11ª ed.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967).
- Netto, N. K. P., & Cardoso, M. R. (2012). Sexualidade e pulsão: conceitos indissociáveis em psicanálise? *Psicologia em Estudo*, 17(3), 529–537. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000300018>